



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Câmpus de São José do Rio Preto

Jéssika Rubiati Scalvenzi

The Woman Warrior e China Men:

A busca por identidade(s) em obras de Maxine Hong Kingston

São José do Rio Preto

2022

Jéssika Rubiati Scalvenzi

The Woman Warrior e China Men:

A busca por identidade(s) em obras de Maxine Hong Kingston

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

Financiadora: CAPES

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Giséle Manganelli Fernandes

São José do Rio Preto

2022

Scalvenzi, Jéssika Rubiati.

S282w The Woman Warrior e China Men: A busca por identidade(s) em obras de Maxine Hong Kingston / Jéssika Rubiati Scalvenzi. -- São José do Rio Preto, 2022

92 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto

Orientadora: Giséle Manganelli Fernandes

1. Literatura Americana. 2. História na Literatura. 3. Autobiografia. I.

Título

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

Jéssika Rubiati Scalvenzi

The Woman Warrior e China Men:

A busca por identidade(s) em obras de Maxine Hong Kingston

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

Financiadora: CAPES

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Giséle Manganelli
Fernandes

Comissão Examinadora

Profa. Dra. Giséle Manganelli Fernandes

UNESP - Câmpus São José do Rio Preto

Profa. Dra. Norma Wimmer

UNESP - Câmpus de São José do Rio Preto

Profa. Dra. Mail Marques de Azevedo

UNIANDRADE - Centro Universitário Campos de Andrade

São José do Rio Preto

29 de abril de 2022

Àqueles que me mostraram que a força vem de dentro de cada um de nós, e que surge nos momentos mais inesperados.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, que sempre mostrou apoio incondicional em todas as etapas da minha vida.

Ao Fernando, que me ajudou quando estava perdida e que me incentivou a dar o primeiro passo desta jornada.

À minha orientadora, que foi a mais compreensiva nos momentos de adversidade.

Ao Ibilce, por todo apoio e adaptação durante a pandemia.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001, à qual agradeço.

*“We marched together for these twelve long years
And absolutely had no clue that Mulan was a girl!’
‘The male hare wildly kicks its feet;
The female hare has shifty eyes,
But when a pair of hares runs side by side,
Who can distinguish whether I in fact am male or female?’”*

Tradução para o inglês de Wilt L. Idema (2010, p. 3)

RESUMO

Este trabalho analisa aspectos da construção da identidade cultural sino-americana observados nos romances *The Woman Warrior* (1976) e *China Men* (1980), de Maxine Hong Kingston. Para tanto, são examinados aspectos formais da narrativa presentes em ambos os romances para poder estabelecer relações de sentido com os aspectos temáticos, de modo a observar a crise de identidade presente nas obras. Verifica-se a relação entre os aspectos formais e interpretativos de modo a avaliar o contexto da imigração chinesa nos EUA no século XX e sua ligação com a crise de identidade vivenciada por Kingston, filha de imigrantes chineses e nascida nos Estados Unidos. Kingston apresenta duas perspectivas em seus romances. Em *The Woman Warrior*, a autora focaliza situações vivenciadas por diversas mulheres de sua família, relacionando-as com suas experiências por meio da reflexão e da reconstrução de suas histórias, em um processo de combinação de estruturas históricas e ficcionais (Sato, 1991). O mesmo processo foi efetuado em *China Men*, porém voltado para a questão da imigração dos homens da família e do bairro chinês em que moram. Em ambos, Kingston busca sentido nas histórias e tradições familiares ao mesmo tempo em que tenta conciliá-las com os costumes estadunidenses. A pesquisa também contempla como a autora utiliza-se, em sua escrita, de histórias tradicionais e de ditos populares. O presente estudo também examina a criação de mecanismos para banir outras culturas nos EUA, como a lei de exclusão para a imigração chinesa, posta em prática em 1882.

Palavras-chave: Identidade. Maxine Hong Kingston. Imigração

ABSTRACT

This thesis aims at analyzing aspects related to the construction of the Chinese-American cultural identity as shown in the novels *The Woman Warrior* (1976) and *China Men* (1980), by Maxine Hong Kingston. In order to fulfill this objective, formal elements of the two novels are examined to establish connections with the thematic aspects to show the identity crisis that exists in both texts. The relationship between form and content is observed, so that it is possible to evaluate the Chinese immigration into the United States in the 20th century, and its association with the identity crisis experienced by Kingston, whose parentes were Chinese immigrants in America. Kingston presents two perspectives in her novels. In *The Woman Warrior*, the author focuses on situations faced by women in her family, relating them with her own experiences, and reconstructing this knowledge in her stories, in a process that combines history and literature (SATO, 1991). Almost the same procedures occur in *China Men*, although it addresses the immigration of men of her family and from the Chinese neighborhood where they lived. In both novels, Kingston longs for meaning in her family stories and traditions trying, at the same time, to reconcile them to American values. The narratives approach traditional stories, popular sayings, and even her parent's mother tongue. This study also discusses strategies used by the USA to ban other cultures from its borders, for instance, *The Immigration Laws*, put into practice in 1882.

Key words: Identity. Maxine Hong Kingston. Immigration.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
1.1 Corpus da pesquisa	14
1.1.1 Maxine Hong Kingston	14
1.1.2 The Woman Warrior	16
1.1.3 China Men	18
1.2 A imigração chinesa para os Estados Unidos	19
1.2.1 Contexto histórico da imigração nos Estados Unidos nos séculos XIX e XX	21
1.2.2 As leis de exclusão de chineses	23
1.2.3 Estratégias de manutenção da imigração	25
2. IDENTIDADE	28
2.1 A crise de identidade	30
2.2 O sujeito na era moderna	32
2.3 A identidade na era pós-moderna	34
2.3.1 A descentralização do sujeito	34
2.3.2 A Identidade Nacional como forma de poder	35
2.4 A identidade e a imigração	38
3. IDENTIDADE EM THE WOMAN WARRIOR E CHINA MEN	40
3.1 Kingston, autobiografia e identidade	40
3.2 A identidade da mulher guerreira em The Woman Warrior	50
3.3 A identidade em China Men: o homem e a imigração	62
3.4 O pertencimento e a identidade sob a perspectiva dos imigrantes	70
4. INTERSECÇÕES ENTRE GÊNERO E IDENTIDADE EM THE WOMAN WARRIOR E CHINA MEN	77
4.1 As lendas e os personagens históricos em suas reconstruções por Kingston	77
4.2 Os fantasmas e sua relação com sino-americanos	81
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	84
REFERÊNCIAS	88

1. INTRODUÇÃO

Em 1976, Maxine Hong Kingston publicou *The Woman Warrior*, uma obra voltada para as suas experiências como filha de imigrantes chineses nos Estados Unidos. O livro traz diferentes vivências, tanto da autora, como de sua família, principalmente de sua mãe. Assim como o título sugere, a autora focaliza diferentes mulheres de sua família, tendo convivido com elas ou não, e revela a busca de identidade nas tradições chinesas, ao dialogar com contos e mitos tradicionais daquele país. No entanto, anos mais tarde, em 1980, Kingston publicou *China Men*, que foi recebido como continuação de *The Woman Warrior*, porém voltado para o lado masculino da família. Em seu artigo “*No Lost Paradise*”, Rabine (In WONG, 1999) explica o fato de as obras terem sido escritas ao mesmo tempo para serem lidas juntas. Entretanto, Kingston decidiu publicá-los em dois livros com propostas diferentes, por medo de uma visão interferir na outra (Rabine, In WONG, 1999).

A imigração chinesa para o Ocidente, principalmente para os Estados Unidos, ocorria anteriormente, mas aumentou de modo vertiginoso entre 1850-1860 segundo Boyd (1971). Cerca de 400.000 mil chineses viajaram para os Estados Unidos nesse período como estudantes, visitantes e imigrantes. A maior parte dos imigrantes eram homens, com vistos provisórios. Essas pessoas chegavam aos Estados Unidos em busca de condições melhores de trabalho e de remuneração, para depois retornarem à terra natal. Durante esse período, havia abundância de empregos para os chineses.

Entretanto, com o crescimento do número de imigrantes, a competição entre os trabalhadores chineses e norte-americanos aumentou, gerando conflitos e oposição à imigração chinesa. Desta maneira, em 1882, foram colocadas em vigor as leis de exclusão de chineses nos Estados Unidos, que tinham como objetivo a diminuição da entrada de imigrantes vindos da China e de outros países asiáticos no país. O crescente incômodo com a presença dos chineses chamou a atenção da mídia. Segundo Lee (1996), jornais

estadunidenses já alertavam sobre os “perigos” da imigração chinesa pouco antes das leis de exclusão. Havia grande comparação com norte-americanos ou mesmo com outros imigrantes brancos, alegando que os chineses eram inferiores por não se adaptarem culturalmente nem adotarem a religião cristã. Segundo Hannis (2011), em um estudo sobre como os imigrantes asiáticos eram apresentados em jornais da época, havia a propagação de estereótipos que os definiam como “mentalmente inferiores”¹ (HANNIS, 2011, p. 265) em relação aos estadunidenses e europeus. Com as leis de exclusão, os estereótipos foram reforçados dentro do país, já que a única opção de entrada era pela ilegalidade. Além disso, os chineses que cruzavam as fronteiras ilegalmente também foram associados ao contrabando de álcool e drogas. Isso apenas piorou a imagem destes imigrantes, agora tidos como uma séria ameaça para os Estados Unidos e sua população, ao contrário dos imigrantes Europeus, considerados futuros habitantes do país (LEE, 1996, p. 69-70).

Por fim, em 1924, foi aprovado pelo Congresso dos Estados Unidos o *Immigration Act of 1924*, que proibiu a entrada de imigrantes da Ásia e estabeleceu uma cota para imigrantes ocidentais. Nesse mesmo ano, o pai de Maxine Hong Kingston, Tom Hong, deixa a China para trabalhar nos Estados Unidos, em busca de condições melhores para a sua família. Seu trabalho como professor na escola de sua vila não era suficiente para ele, sua mulher e seus dois filhos. Ele obteve sucesso, embora não tenha conseguido trabalho como acadêmico, a sua profissão em sua terra natal. Quinze anos mais tarde, em 1939, a mãe de Kingston também chegou ao país. Apesar de ter obtido sucesso ao abrir uma lavanderia com três amigos, estes enganaram Tom Hong e o retiraram da sociedade, forçando-o a se mudar de Nova York para a Califórnia, onde Kingston nasceu em 1940. Levou mais alguns anos para que eles conseguissem estabelecer uma lavanderia própria, com Tom Hong trabalhando em uma casa de apostas nesse meio tempo. Em seus livros, Kingston aborda algumas das dificuldades enfrentadas pela família nos primeiros anos dos Estados Unidos, além do processo de imigração em si.

¹ [...] *mentally far inferior to our own people*. Publicado no jornal *Daily Alta California*, em 4 de junho de 1853.

Este trabalho fará, em um primeiro momento, a análise temática das obras do corpus, uma vez que ela é importante para a base da interpretação sobre os aspectos de identidade abordados por Kingston e sua relação com a imigração e a ascendência. Também serão apresentadas as concepções de identidade estudadas em Bauman (2005). Segundo Bauman, a identidade é uma questão muito abordada na literatura do século XX, uma vez que a globalização tornou possível o contato cada vez maior de diversas etnias diferentes, e essas vozes finalmente passaram a ser ouvidas na literatura. O autor afirma que a identidade torna-se algo problemático apenas quando o indivíduo é retirado de seu lugar de origem e, portanto, se vê sem as certezas de antes. Com o tempo, a identidade se tornou uma das maneiras de controle utilizadas pelo Estado moderno sobre a população, e a globalização torna essa questão mais grave, pois as distâncias tornam-se cada vez menores e muito mais pessoas preocupam-se com essa realidade, especialmente com as grandes imigrações do século XX (BAUMAN, 2005, p. 19-21).

Sobre a identidade através dos séculos e de como passou a ser utilizada como uma forma de controle, serão discutidos os conceitos de Stuart Hall (2006). Em seu livro “A identidade cultural na pós-modernidade”, Hall demonstra como a identidade se tornou volátil, podendo ser percebida pelo indivíduo de acordo com suas interações sociais, e já não é mais concebida como única e centrada. Ele explora também a questão da identidade nacional, e como ela é importante para o Estado manter seu poder sobre os indivíduos utilizando-se da polarização entre quem pertence ao Estado e, portanto, goza de todos os seus direitos civis, e entre quem não pertence e fica de fora deste círculo, utilizando-se de questões arbitrárias como raça e nacionalidade.

1.1 Corpus da pesquisa

1.1.1 Maxine Hong Kingston

Maxine Hong Kingston nasceu em 1940, na Califórnia. É a quarta filha de imigrantes chineses, porém a primeira a nascer nos Estados Unidos. Sua primeira língua foi o dialeto de seus pais, Say Yup, e aprendeu inglês a partir dos oito anos de idade, escolhendo a segunda língua para escrever e publicar seus livros. Para a autora, o dialeto chinês era oral e o inglês fazia mais sentido para que ela pudesse se expressar em sua escrita. Com apenas quinze anos, Kingston teve publicado um texto intitulado “Eu sou uma Americana”² na revista *Girl Scouts of America*, em que já é possível perceber algumas de suas ideias sobre identidade, quando escreve como pessoas de outras etnias também podem ser estadunidenses, tentando se reafirmar como americana. Ingressou na Universidade da Califórnia, Berkeley, inicialmente em um curso de engenharia por pressão de seus pais, mas logo trocou pelo bacharelado em inglês, formando-se em 1962. Anos mais tarde, obteve seu certificado em ensino e trabalhou em escolas de 1965 até 1967. Ela e o marido, nos anos subsequentes, decidiram morar no Havaí para tentar fugir da realidade da guerra do Vietnã, e lá Kingston continuou a trabalhar como professora ao mesmo tempo em que protestava contra a guerra. Em 1976 ela publicou seu primeiro livro, *The Woman Warrior*, em que narra e recria suas experiências como filha de imigrantes chineses. O livro foi muito bem recebido, ganhando a premiação *National Book Critics’ Circle Award for nonfiction* de 1976. Ao mesmo tempo, a obra recebeu várias críticas de escritores chineses por reforçar estereótipos apenas para agradar a leitores norte-americanos. Anos depois, Kingston publicou seu segundo livro, *China Men* em 1980, e por essa obra, recebeu o prêmio *National Book award for Nonfiction* em 1981. Este livro também conta suas experiências como filha de imigrantes, mas seu foco é sobre os homens da família, com algumas interpretações acerca de temas como guerra, cultura, entre outros. Ela também publicou

² *I am an American.*

Tripmaster Monkey: His Fake Book (1989), seu primeiro romance, e *To Be the Poet* (2002), assim como uma coleção de pequenas histórias no livro *Hawai'i One Summer* (1987) e, também, em *Veterans of War, Veterans of Peace* (2006), uma coletânea de prosas e versos que trata de experiências traumáticas sobre a guerra. Em 1990, Kingston retornou à Universidade da Califórnia, Berkeley. Seu primeiro romance foi o único livro da autora traduzido no Brasil como “O Livro Apócrifo do Macaco Chinês” (*Tripmaster Monkey: his fake book*), em 1990.

Tanto em *The Woman Warrior* como em *China Men*, Kingston narra experiências e faz comentários críticos pertinentes acerca da imigração chinesa nos Estados Unidos. Como filha de imigrantes chineses, ela traz suas experiências duplas, pois teve sua educação focada em culturas e tradições da China ao mesmo tempo em que, nascida e residente na cidade de Califórnia, nos Estados Unidos, vivenciou a cultura ocidental do século XX. Por ser uma experiência repleta de contradições, suas duas vidas colidem uma com a outra, e em suas obras Kingston foca nessa colisão, apresentando ao leitor histórias de conhecidos chineses e norte-americanos imigrantes ou filhos de imigrantes, enquanto tenta relacioná-las consigo mesma para sua busca por identidade.

Em *The Woman Warrior: Memoirs of a Girlhood Among Ghosts*, Kingston narra suas experiências com a educação influenciada pelas tradições chinesas, trazidas sobretudo por sua mãe. Ela traz comparações sobre o que foi ensinado em casa *versus* a cultura ocidental com a qual tem contato fora de casa, mostrando como foi crescer nesta situação de estar entre duas culturas.

Em *China Men*, Kingston foca suas histórias nas narrativas que escutou a vida inteira sobre sua família imigrante. O título se refere a homens apenas já que, como veremos adiante, reflete as restrições sobre a imigração chinesa nos Estados Unidos, pois apenas homens poderiam entrar legalmente. A obra é dividida em capítulos, cada um deles com uma história ou um tema diferente, com abordagem em tempos e pessoas distintas, contemplando narrativas sobre bisavós, avós e pais. Alguns trechos são mais simbólicos, relembando mitos tradicionais, e outros mais diretos, com nomes, datas, personagens mais

definidos e mais voltados para a realidade. Kingston junta essas duas maneiras de contar suas histórias, espelhando, nessa duplicidade, a vida dupla entre as culturas chinesas e ocidentais.

1.1.2 *The Woman Warrior*

O primeiro livro de Kingston está dividido em cinco seções, e cada uma delas, foca em uma questão temática. A primeira é *No Name Woman* (p. 5-16), uma seção que aborda diversos assuntos importantes e estes serão retomados no restante da obra. Nesta parte do livro, Kingston aborda questões de gênero e de como a tradição ensinada pela sua mãe a confunde e a faz refletir sobre seus ancestrais e sobre o que seria ou não de fato cultura chinesa. Temos a história de uma das mulheres da família, uma suposta tia de quem Kingston menos tem informações, devido ao fato de seu nome ter sido apagado da história de sua família por ela ter cometido adultério. Seus atos e sua punição são utilizados por *Brave Orchid*, mãe de Kingston, para lhe ensinar e alertar quanto ao seu papel como mulher.

Na segunda seção, *White Tigers* (p. 17-54), temos a re-imaginação e colagem de várias histórias tradicionais chinesas, incluindo a mais famosa no ocidente, Fa Mulan. Nesta seção, além de comentar questões de gênero, Kingston faz comentários sobre como a sua educação é ambígua, não apenas porque ela não consegue relacionar as histórias de grandes guerreiros com sua vida cotidiana, mas também porque sua mãe conta várias histórias de grandes guerreiros e guerreiras para ensiná-la, ao mesmo tempo em que sua cultura não permite, do ponto de vista da tradição chinesa, a realização por mulheres dos grandes feitos relatados nestas histórias.

Na próxima seção, *Shaman* (p.55-110), Kingston descreve os anos em que sua mãe estudou medicina em Hong Kong como uma das condições impostas por seu marido para ela vir morar nos Estados Unidos com ele. Ele desejava uma mulher letrada, que tivesse estudado em uma escola ocidental. O capítulo narra como sua mãe viveu para os estudos por

dois anos, focando no episódio em que ela teria encontrado um fantasma nos dormitórios. Explorando o medo de suas colegas de quarto, *Brave Orchid*, como Kingston se refere a sua mãe, usou dessa situação para mostrar coragem e conhecimento a suas colegas. Essa narrativa mostra a resiliência de *Brave Orchid* mesmo quando ela está nos Estados Unidos, uma vez que ela mantém seu nome chinês mesmo sendo aconselhável ter um nome ocidental e se recusa a esquecer a cultura e algumas superstições chinesas.

Em *At the Western Palace* (p. 111-160), a temática de encontro e choque entre o mundo ocidental e o oriental continua, pois *Brave Orchid* usa histórias chinesas para tentar auxiliar sua irmã, *Moon Orchid*, a se estabelecer nos Estados Unidos com seu marido, que já se casara novamente depois de se mudar para o país anos antes. Contudo, a maneira pela qual tenta ajudar sua irmã, com histórias que não possuem a mesma força no ocidente, em conjunto com a personalidade de *Moon Orchid*, fez suas tentativas serem infrutíferas.

Por fim, em *A Song for a Barbarian Reed Pipe* (p.161-209), Kingston traz várias histórias de quando era mais nova, e de como sua ascendência e educação a afetaram de fato, realizando um paralelo com a história de Ts'ai Yen, uma figura histórica chinesa. Ts'ai Yen foi uma poetisa capturada por um povo bárbaro, tendo vivido entre eles por muitos anos, antes de retornar para sua casa, trazendo a música que é uma combinação entre duas culturas diferentes, e a autora fechando o livro com essa temática.

Neste trabalho, será feita a análise destes temas e histórias para discutir como Kingston desenvolve a sua própria identidade lançando mão dos relatos que conhece, ao mesmo tempo questionando as experiências de sua família, sua vida nos Estados Unidos e as narrativas familiares não propriamente suas, mas por ela transformadas, para poder refletir sobre sua própria identidade e individualidade.

1.1.3 *China Men*

Em *China Men*, Kingston traz diversas narrativas sobre sua família, dessa vez focando nos homens imigrantes. O livro traz as reflexões da autora acerca de como a imigração afetava as famílias chinesas, tanto os parentes que emigraram e não retornavam para a China, como para os parentes que permaneceram no seu país de origem, sobretudo as mulheres, pois elas esperaram pelo retorno de seus pais, filhos ou maridos.

O conteúdo tem várias seções e subseções breves que focalizam histórias da família da autora, bem como também histórias e reflexões acerca da imigração. Enquanto *The Woman Warrior* trata sobre as mulheres e como lidaram com a imigração, focando histórias do passado que serviam como modelo de educação para Kingston, *China Men* traz histórias voltadas para a imigração em si, embora contenham reflexões acerca da identidade, sobretudo da identidade de quem deixou a China para tentar viver no continente americano.

A primeira sub-seção intitula-se *On Discovery* (p. 3-5) e alterna mitos e o que aconteceu de fato, com comentários sobre a emasculação dos homens chineses quando emigraram para os Estados Unidos, em forma de conto sobre o país das mulheres. A próxima sub-seção, *On Fathers* (p. 6-7) traz uma narrativa curta e simbólica sobre os pais de família chineses, e introduz a próxima seção, *The Father from China* (p. 9-74). Em um primeiro momento, esta seção faz um comentário sobre a vida do pai de Kingston nos Estados Unidos, a quem ela chama de Ed. Depois, a autora se aprofunda na narrativa sobre a vida de Ed na China, antes de sua decisão de imigrar, para por fim narrar como foi todo o processo de garantir a cidadania estadunidense.

A próxima seção, *The Great Grandfather of the Sandalwood Mountains* (p. 83-122), foca a história de seus bisavós, alguns dos primeiros imigrantes que vieram para o Havaí, descrevendo seu trabalho e como ambos depois retornaram para a China, mesmo depois de um deles se casar com uma das moradoras da ilha. A seguir, na seção *The Grandfather from the Sierra Nevada Mountains* (p. 123-160), temos algo bem parecido com o anterior com a

história do avô de Kingston, que participou da construção das estradas de ferro e viu com seus olhos a perseguição aos chineses pelos norte-americanos quando estes começaram a ver os imigrantes como ameaça. Relacionando essa parte da narrativa, que conta a história de seus avós, com a situação da imigração no século XIX, a autora segue com a subseção *The Laws* (p. 152-159), em que descreve as leis colocadas em prática contra a imigração. Ela também descreve as lutas principais que aconteceram em tribunais norte-americanos pelo direito de imigração e de cidadania estadunidense.

Em sua próxima seção, *The Making of More Americans* (p. 163-224) a autora narra a história de seus tio-avós, dentre outros parentes, que ainda moram nos Estados Unidos, descrevendo como eles pensam nos Estados Unidos como seu país e sobre suas relações com sua ascendência, encarando-se muito mais como norte-americanos do que como chineses. Em *The American Father* (p. 235-260) Kingston volta a narrativa para seu pai, descrevendo-o mais claramente em sua vida norte-americana e como ele lidou com as dificuldades relacionadas à imigração e à exploração. Em sua última seção, *The Brother in Vietnam* (p. 261-308) Kingston tem sua narrativa voltada para a guerra, não apenas a do Vietnã, mas também sobre convocações para a Segunda Guerra Mundial, entre outras com as quais teve contato. Este capítulo é focado em seu irmão, que ao contrário do restante da família, não tentou fugir da convocação, e foi um dos poucos descendentes de imigrantes de sua família que teve a oportunidade de visitar a China. Nesta seção, Kingston faz comentários acerca de questões da identidade afloradas na guerra entre Vietnã e Estados Unidos, e como os imigrantes e seus descendentes chineses eram vistos nessa época pelas forças armadas.

1. 2 A imigração chinesa para os Estados Unidos

Como filha de imigrantes, Kingston levanta diversas questões interessantes acerca de seu desenvolvimento nos Estados Unidos e sobre a imigração em si. Por essas razões, é imprescindível que seja feito um levantamento sobre o tema da imigração chinesa para o

país, uma vez que o contexto histórico dos séculos XIX e XX fornece dados sobre as condições desses imigrantes e como eles eram vistos pela população. Estas informações oferecem uma perspectiva histórico-social sobre os motivos da imigração, como ela era realizada e porque foi, em um período, necessária, para logo depois ser considerada como maior motivo dos problemas econômicos do país, levando à tentativa de diminuição dos números de imigrantes chineses vivendo nos Estados Unidos.

A análise das leis e dos números de imigrantes mostra que a imigração, no geral, sempre foi um tema delicado nos Estados Unidos. A imigração chinesa foi o primeiro alvo de críticas e de ações legais para ser neutralizada. Adiante, será apresentado como ela moldou tanto as populações de imigrantes que chegaram inicialmente como suas leis, e como a questão econômica também teve sua parte na criação dos estereótipos sobre os povos vindos do exterior. Estereótipos têm grande influência na maneira como um povo, ainda mais um que possui cultura e costumes distintos do padrão, é visto pela população geral. Nos Estados Unidos, esses estereótipos possuem forte conexão com a falta de apoio à comunidades chinesas, japonesas e mexicanas. No caso, como a maior parte dos chineses que emigraram para os Estados Unidos era composta por agricultores pouco letrados vindos para trabalhar nas minas e na construção civil, criou-se o estereótipo de que todos os chineses imigrantes eram ignorantes e que não forneciam benefícios à comunidade norte-americana (WELLBORN, 1912, p. 53). Mais tarde, imigrantes chineses passaram a trabalhar em cozinhas e lavanderias, cargos geralmente ocupados por mulheres, e por isso foram considerados um povo dócil e afeminado (CHEUNG, In WONG, 1999, p. 111), pois seus cargos anteriores nas minas de ouro e na construção das estradas de ferro foram esquecidos. Essa questão é abordada também por Kingston em *China Men*, demonstrando como esses temas influenciam suas percepções sobre a imigração e sobre a identidade chinesa.

Portanto, nas próximas páginas, será feito um levantamento histórico sobre as leis e seus impactos na imigração e na população chinesa.

1.2.1 Contexto histórico da imigração nos Estados Unidos nos séculos XIX e XX

O século XIX foi permeado de conflitos nos Estados Unidos. A República fora instituída em um período relativamente recente no século XVIII, e com a preocupação de como seria a forma de governo adotada pelo país, houve em um primeiro momento a vontade de expandir o território. Segundo Karnal (2011, p. 121-123) no governo de Thomas Jefferson essa preocupação se materializou com a corrida ao oeste. Além disso, com a guerra entre França e Inglaterra, os Estados Unidos se viram impossibilitados de tomarem uma posição neutra, entrando em conflito novamente com a Inglaterra (KARNAL, 2011).

Neste século, também ocorreu grande expansão econômica com novas políticas de mercado, e com novas tecnologias voltadas para a produção e para o lucro, que foram responsáveis pelo reforço do espírito nacionalista. Com o aumento da produção de artigos como algodão e tabaco, também cresceu a demanda por mão de obra escrava, o que causou aumento da venda e compra de escravos africanos (KARNAL, 2011 p. 128). Entretanto, não demorou muito os Estados Unidos entrarem em conflito mais uma vez. O sul, agrícola, era a favor da posse de escravos, e o norte, mais voltado para as indústrias, a favor da abolição, que só ocorreria em 1865. Com a falta de escravos e com a vontade de expansão e modernização, as fábricas e as fazendas de cultivo de cana de açúcar, principalmente, se voltaram para os imigrantes.

A imigração de chineses para os Estados Unidos ocorre desde o final do século XVIII, porém teve grande aumento entre os anos 1850 e 1860 (BOYD, 1971, p. 48), sendo bem-vinda para suprir necessária mão de obra para a construção das estradas de ferro que ligavam o oeste ao leste do país. Antes disso, já existia a imigração para lugares como o Havaí. Segundo Grant Hannis, em seu artigo “*A Comparative Analysis of Nineteenth-Century Californian and New Zealand Newspaper Representations of Chinese Gold Miners*” (2011), em um primeiro momento, eles eram convidados a participar de paradas municipais, como por exemplo a que celebrou o novo estado da Califórnia. O prefeito, na época, acreditava que os chineses seriam de grande importância para o estado

como força de trabalho (HANNIS, 2011, p. 251). Segundo Boyd (1971), esses imigrantes eram em sua maioria homens contratados para o trabalho pesado nas plantações de cana-de-açúcar no Havaí, inicialmente. Não houve muita oposição neste território, com boa parte da população tendo ancestralidade miscigenada, e a imigração chinesa continuou forte ali até a anexação do território em 1898, período em que os Estados Unidos já haviam posto em prática as leis de exclusão chinesas.

Antes da corrida do ouro, em 1848, o estado da Califórnia não tinha uma população muito concentrada. No entanto, vários estadunidenses saíram do leste para ir até o oeste dos Estados Unidos durante a corrida do ouro, o que foi feito também por milhares de imigrantes vindos de diversas partes do mundo (HANNIS, 2011). Segundo Hannis (2011), a maioria dos imigrantes chineses nas mineradoras saía do sudeste da China para fugir de guerras e da pobreza. Em 1852, havia cerca de vinte e cinco mil chineses morando na Califórnia. A maioria desses imigrantes era masculina, e tinha esperanças de enriquecer pela mineração do ouro e retornar para a China. Entretanto, muitos passaram a trabalhar em indústrias (HANNIS, 2011).

Com o crescimento do número de imigrantes chineses, a competição entre eles e com alguns norte-americanos aumentou, gerando conflitos e oposição à imigração por todo o país, sobretudo na mineração. Desta maneira, em 1882, foram colocadas em vigor as leis de exclusão de chineses, que tinham como objetivo a diminuição da entrada de imigrantes vindos da China. Segundo Erika Lee (2002), essa foi a primeira lei visando a exclusão de um povo baseado em status e raça nos Estados Unidos, sendo que as leis anteriores visavam facilitar a sua entrada para o trabalho. Apenas mais tarde, leis parecidas, porém menos vigorosas, foram colocadas em prática para pessoas provenientes de outros países orientais, como Japão e Filipinas (BOYD, 1971). Enquanto isso, imigrantes da Europa Ocidental eram bem-vindos nos Estados Unidos.

1.2.2 As leis de exclusão de chineses

Segundo os estudos de Hannis (2011) sobre os jornais locais da Califórnia, nos primeiros anos da imigração, as notícias sobre os imigrantes e trabalhadores chineses eram neutras ou positivas, descrevendo-os de maneira condescendente na maioria dos casos, mas ainda assim apresentando-os como bons cidadãos (HANNIS, 2011). Um dos motivos era o interesse econômico que o governo demonstrava pelos trabalhadores chineses, pois eles supriam a demanda por mão de obra. No entanto, com o passar do tempo e com a imigração em massa, tanto o governo como a população deixaram de ver a imigração chinesa como uma expansão de mão de obra e da economia e sim como invasiva e ameaçadora.

De acordo com Wellborn, em “Os Eventos que Antecedem as Leis de Exclusão Chinesa”³(1912), a insatisfação surgiu em um primeiro momento nas minas, com imigrantes recebendo bem menos que os trabalhadores estadunidenses. Com isso, o sentimento anti-imigrante, especialmente voltado aos asiáticos, começou a crescer cada vez mais entre estas populações, pois os outros trabalhadores os acusavam de baixar substancialmente o preço do trabalho:

[...] os chineses ficavam satisfeitos com \$5.00 ou \$8.00 por dia, enquanto brancos queriam &16.00 ou \$20.00. Apesar de seu salário muito menos os chineses, por causa de sua diligência, perseverança e parcimônia, assim como sua habilidade em viver na miséria por um longo período de tempo, acumularam mais ouro que muitos dos brancos mais descuidados e extravagantes. Além disso, quando trabalhando por ordenados, os chineses estavam satisfeitos com tão baixo salário que o preço do trabalho tendia a diminuir. (WELLBORN, 1912, p. 49-50, tradução nossa).⁴

Apesar disso, Wellborn ainda supõe que o maior motivo de insatisfação com a população de imigrantes tenha sido o preconceito. A imigração em massa para a construção

³*The Events Leading to the Chinese Exclusion Acts.*

⁴[...] *the Chinese were content with \$5.00 or \$8.00 per day, while the whites wanted \$16.00 or \$20.00. In spite of their much smaller daily earnings the Chinese, because of their industry, perseverance and thrift and their ability to live on a mere pittance, long run, accumulated more gold than did many of the more reckless and extravagant whites. Moreover, when working for wages, the Chinese were content with such small pay that the price of labor tended to decrease.*

de estradas de ferro trouxe para o país imigrantes mais pobres, fazendeiros sem nível escolar elevado e, no geral, sem muitas perspectivas de futuro. Começaram a se espalhar os estereótipos de que os imigrantes eram ou ignorantes ou criminosos. O trecho abaixo resume bem como tanto as massas quanto os governantes enxergavam essa população:

Os moralistas viram nos chineses um povo que estava longe de praticar o confucionismo; um povo que ganhou a confiança de seus mestres e até então seus professores - nós; um povo que não tinha respeito por castidade, muitas de suas mulheres sendo prostitutas; um povo dado a apostas, morando em lugares sujos e mantendo estabelecimentos horrorosos e nojentos de ópio; um povo, no entanto, a ser civilizado e convertido. Os políticos viam nos chineses um povo perigoso para instituições americanas. Os chineses viviam juntos, tinham sociedades secretas ou “línguas”, mantinham uma espécie de governo entre eles, geralmente negando todas as tentativas de californianos de lhe darem uma educação estadunidense, ou os benefícios da religião cristã, e geralmente se recusavam a assimilar quaisquer costumes ou práticas estadunidenses. (WELLBORN, 1912, p. 50, tradução nossa).⁵

Pode-se perceber que os chineses eram vistos, nessa época, como perigosos para a ordem norte-americana tomando como exemplo alguns grupos específicos de imigrantes. Quando vistos como menos perigosos, ainda assim havia a necessidade de ensiná-los a serem mais norte-americanos, algo que era essencial para que pudessem permanecer no país e serem considerados dignos dos mais básicos direitos, embora ainda não fossem vistos como cidadãos, portanto sem os mesmos direitos. Segundo Zesch, em sua pesquisa “*Chinese Los Angeles in 1870-1871: The Makings of a Massacre*” (2008), pouco tempo depois do aumento de trabalhadores chineses nos Estados Unidos, houve uma verdadeira campanha na mídia contra a imigração chinesa. Várias notícias sobre tráfico de pessoas, drogas, brigas entre facções tomaram os jornais entre 1870 e 1880 em uma campanha

⁵ *The moralist saw in the Chinese a people far from practicing the precepts of their own Confucius a people who won the confidence of their masters and then proved treacherous ; a people who had no respect for chastity, many of their women being prostitutes ; a people given to gambling, living in filthy places and keeping opium dens of disgust and horror ; a people, however, to be civilized and converted. The politician saw in the Chinese a people dangerous to American institutions. The Chinese lived together, had secret societies or "tongs," maintained a sort of government among themselves, usually refused all efforts of the Californians to give them an American education, or benefits of the Christian religion, and in general refused to assimilate any of the American customs or practices.*

contra a imigração. Ao longo dessas notícias, foi criada uma imagem caricata do homem chinês, cujo objetivo era apenas denegrir sua imagem e reafirmar a supremacia de outras raças sobre a dos chineses. A imigração chinesa acontecia havia anos, motivada pelo próprio Estado, porém isso não impediu que fosse facilmente transformada em ameaça. A proibição da imigração trouxe transgressores, e com isso, mais notícias e campanhas vexatórias contra imigrantes orientais, porém ainda mais focada em chineses.

Por mais que o descontentamento com estes imigrantes fosse intenso, ainda assim, depois do término das estradas de ferro, milhares de chineses passaram a ocupar cargos em outros serviços, em sua maioria manuais. Isto gerou ainda mais descontentamento, com diversos protestos realizados por trabalhadores desempregados (WELLBORN, 1912, p. 53). Como resultado, as leis de imigração anti-chineses foram aprovadas, depois de vários projetos de lei que visavam proibir a entrada de chineses no país serem vetados no estado da Califórnia. Dessa maneira, O Ato de 1882 buscou restringir a sua entrada em um projeto de lei que duraria dez anos. Era proibida a entrada apenas de trabalhadores, mas comerciantes, professores e viajantes poderiam entrar no país sem restrições. Esta lei foi renovada mais duas vezes, em 1892 e 1902, incluindo punições como aprisionamento de chineses ilegais ou mesmo de pessoas que auxiliassem a imigração ilegal.

1.2.3 Estratégias de manutenção da imigração

Evidentemente, as leis de exclusão não impediram os movimentos de imigração da China para os Estados Unidos. Um dos principais motivos para a imigração era a promessa de trabalho e dinheiro. O destino principal era o estado da Califórnia, conhecido pelos chineses como “Montanha de ouro”⁶, referência à corrida do ouro de 1849 (Chew, Keith, Liu, *The Revolving Door to Gold Mountain: How Chinese Immigrants Got Around U.S. Exclusion and Replenished the Chinese American Labor Pool, 1900-1910*, 2009). Com as

⁶ *Gold mountain*, no original. Esse termo é muito usado para se referir à Califórnia. Aqui, ele é utilizado por Chew, Keith, Liue, mas também pode ser encontrado em Kingston e em outros trabalhos sobre a imigração chinesa para os Estados Unidos.

Leis de Exclusão Chinesas, as imigrações ilegais para os Estados Unidos aumentaram e os imigrantes tiravam proveito de brechas existentes na legislação para continuar a entrar no país, em alguns casos até mesmo legalmente. Em decorrência da exclusão de imigração para mulheres e com as leis anti-miscigenação, 90% dos imigrantes chineses eram homens. Esperava-se o declínio da população chinesa no país que estaria envelhecendo durante os anos subsequentes. No entanto, dados recentes sugerem que a população chinesa continuava “perpetuamente jovem”⁷ (Chew, Keith, Liu, 2009, p. 412, tradução nossa).

Esta população “perpetuamente jovem” existia porque os imigrantes chineses com idade avançada que retornaram anos antes para a terra natal vendiam ou passavam seus documentos “legais” para a próxima geração, que tomaria o seu sobrenome para conseguir entrar nos Estados Unidos sem problemas, com a cidadania norte-americana. Isso explorava uma brecha nas leis, que concedia que familiares imediatos de comerciantes ou pessoas com outros cargos entrassem no país, pois esses eram os cargos permitidos pela lei. Os que não possuíam esses meios, migraram para o México ou para o Canadá, com leis menos exclusivas, e de lá atravessaram a fronteira ilegalmente. Havia também uma brecha para os imigrantes em trânsito, visto que o país permitia a sua entrada quando a caminho de outros países, e assim, chineses que queriam de fato ir para os países próximos (como Canadá ou México) trocavam de lugar com os que tinham intenção de permanecer. Um dos últimos métodos abordados por Chew em sua pesquisa envolve uma série de terremotos em 1906 em São Francisco, causando a destruição de documentos que, segundo os chineses, provavam sua legitimidade como cidadãos legais. Desse modo, foram feitos novos documentos que os consideravam cidadãos estadunidenses e, portanto, permitindo sua permanência nos Estados Unidos.

A exploração desta lei sobre os papéis e nacionalidade estadunidense só era possível justamente porque a imigração chinesa datava de vários anos anteriores. Kingston, em seu livro *China Men*, demonstra alguns desses dados em suas narrativas quando apresenta o

⁷ *Contrary to conventional historiography, the 60-year period of Exclusion (1882-1943) saw the emergence of a male-dominated society that was not so much aging as it was "perpetually young."*

trabalho realizado por seus bisavós nos Estados Unidos e no Havaí, que aconteceram muito antes da corrida do ouro. Estes dados são relevantes porque, apesar do *boom* da imigração ter ocorrido no século XIX, mostram que os chineses imigravam desde muito antes, e que, portanto, a imigração foi vista como um problema muito mais pela questão do contexto social e econômico do século XIX.

Porém, como o ódio e o preconceito começaram a causar problemas e conflitos, para evitar o crescente incômodo sobre a permanência da população chinesa no país, esta começou a buscar trabalhos que eram considerados indesejados pelos trabalhadores norte-americanos para evitar uma possível competitividade. Isso levou imigrantes chineses a buscar trabalho em lavanderias e restaurantes, com muitos abrindo seus próprios negócios. Segundo Cheung (In WONG, 1999) em seu artigo, *The Woman Warrior Versus the Chinamen Pacific: Must a Chinese American Critic Choose between Feminism and Heroism?*, publicado no livro *The Woman Warrior: A Casebook*, estes dois fatores, o trabalho em lavanderias e a proibição da imigração de mulheres associado a proibição de casamentos inter-raciais levaram à emasculação do homem chinês, o que raramente é lembrado pelo trabalho realizado nas minas e na construção de estradas de ferro. Ele é sempre associado, pelo homem branco, a trabalhos femininos, o que, de certa forma, influenciou produções culturais sobre os homens chineses.

Estudos sobre as leis e o contexto dos Estados Unidos nos séculos XIX e XX revelam que a exclusão dos chineses teve como principal motivo questões de raça e não apenas econômica. Wellborn, em 1912, apenas alguns anos após os primeiros atos contra a imigração chinesa, já afirmava o seguinte: “a questão fundamental é racial, não econômica, embora o elemento econômico tenha sem dúvidas tido sua parte.”⁸ (WELLBORN, 1912, p.58, tradução nossa). Segundo Kanazawa (2005), a exclusão de chineses nas minas de ouro ocorreu principalmente porque era mais fácil racionalizar que imigrantes de outros

⁸ *It appears to the present writer that the fundamental question is racial, not economic, although the economic element has undoubtedly played its part.*

países não teriam direito à mineração, e este foi o principal motivo de eles terem sido deixados de lado nas leis protetoras dos mineradores (Kanazawa, 2005, p. 782-783).

2. IDENTIDADE

A identidade, segundo Tadeu Silva, em “A Identidade e a Diferença: a Perspectiva dos Estudos Culturais” (2012, p. 73-102) é vista, muitas vezes, como o que somos: somos brasileiros, portugueses ou americanos, ao passo que a diferença seria o que o outro é: ela é japonesa, italiana etc. (SILVA, 2012). No entanto, ao relacionar a identidade e a diferença com conceitos da linguística, considerando-as como “criaturas da linguagem” (p. 76), Silva descreve como, assim como os signos, o conceito de “ser brasileiro” apenas existe quando comparado a outros conceitos, como “não ser italiano” ou “não ser japonês”. Ele afirma que: “A identidade e a diferença não podem ser compreendidas, portanto, fora dos sistemas de significação nos quais adquirem sentido. Não são seres da natureza, mas da cultura e dos sistemas simbólicos que a compõem” (SILVA, 2012, p. 78). Dessa forma, a identidade só poderia ser definida dentro de um contexto, e de acordo com o autor não há como determinar as identidades de uma vez por todas, já que são tal como a linguagem, “indeterminadas e instáveis” (p. 80).

Além disso, segundo o autor, a formação das identidades, assim como das diferenças, está relacionada a estruturas de poder, concebidas a partir das relações sociais: “Elas não são simplesmente definidas; elas são impostas. Elas não convivem, harmoniosamente, lado a lado, em um campo sem hierarquias; elas são disputadas” (p. 81). Por se tratar de um processo de diferenciação, a identidade se torna um mecanismo de poder em que identidades são impostas e disputadas (SILVA, 2012, p. 81-82). Essa disputa ocorre pelo desejo de garantir acesso privilegiado aos bens sociais. E como a identidade só é o que é como resultado da diferenciação, ela tem o poder de incluir e excluir, de classificar o outro. A classificação atribui valores diferentes para os grupos sociais; um desses valores é a normalização. A normalização consiste em ver uma identidade como

parâmetro para outras identidades, que acabam comparadas entre si por serem consideradas fora do “normal” e do aceitável. Com esse binarismo entre normal e anormal, cria-se uma identidade privilegiada, e entre imigrantes versus não-imigrantes, os últimos possuem essa atenção privilegiada.

A diferenciação, portanto, é uma maneira de manter a hierarquia, de separar “nós” e “eles”, incluindo e excluindo diferentes grupos sociais, com a criação de duas classes polarizadas: uma mais e outra menos privilegiada. Segundo o autor, a identidade “demarca fronteiras”, marcando uma diferença entre os que estão dentro e os que estão fora (p. 82). A identidade nacional, por exemplo, é uma das formas de manutenção de poder utilizada por um país. Dessa maneira, se classificam duas classes, “nós” e “eles”, e se normaliza uma delas, que se torna parâmetro para outras identidades (p. 83). Segundo Castells (1999), em seu livro “O poder da identidade”, a identidade ou as múltiplas identidades são a causa de inquietação em diversos grupos sociais:

No que diz respeito a atores sociais, entendo por identidade o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significado. Para um determinado indivíduo ou ainda um ator coletivo, pode haver identidades múltiplas. No entanto, essa pluralidade é fonte de tensão e contradição tanto na auto representação quanto na ação social. (CASTELLS, 1999, p. 44).

No entanto, nos estudos culturais, mesmo com a preocupação da definição da identidade, existem vários movimentos contrários que buscam subvertê-la. Silva (2012) traz como exemplo o hibridismo, em que é possível encontrar várias partes de outras identidades combinadas em uma sem separá-las como acontece normalmente com a polarização das identidades. São interligadas com o deslocamento, ou seja, com os movimentos demográficos, que são algumas das principais fontes de inspiração para os estudos sobre a subversão da identidade (p. 87-88). Segundo Peter Burke, existem diversas manifestações e obras híbridas, e elas devem ser vistas como “o resultado de encontros múltiplos e não como o resultado de um único encontro” [...] (2010, p. 31). Segundo o

autor, esse choque entre culturas leva ao hibridismo, que pode ocorrer não apenas na literatura, mas também nas relações sociais, com a manifestação de povos híbridos (p. 36). De fato, em sua entrevista à Benedetto Vecchi, publicada na obra “Identidade”, Bauman (2006) explora como a identidade se fragmentou em uma era líquida-moderna. Para ele, a identidade pós-moderna é concebida como algo inacabado e que está sempre em mudança, podendo ser influenciada por diversos fatores, tais como lugar onde nascemos, a comunidade, entre outros, e ela pode ser sempre questionada. Para Bauman, principalmente, é o deslocamento que faz o indivíduo questionar e refletir sua identidade, principalmente com o aumento da imigração.

Nas próximas seções deste trabalho, será feita a reflexão de como a concepção de identidade se modificou ao longo da história, suas relações com o indivíduo e com as relações sociais. Será usado como base o texto de Stuart Hall, que traz todas essas concepções à tona em seu livro “A Identidade Cultural na Pós-Modernidade” (2006). Nele, Hall aborda noções importantes a respeito de como o tema se relaciona com questões de poder e hierarquia.

2.1 A crise de identidade

Stuart Hall (2006), em seu livro “A Identidade Cultural na Pós-Modernidade, traz à baila concepções sobre a identidade em diferentes épocas, refletindo sobre as mudanças nos conceitos de sujeito e de identidade, para depois desenvolver argumentos sobre a questão do “pertencimento” e, finalmente, sobre a identidade nacional. Hall inicia afirmando que o mundo atual vive uma discussão sobre a identidade, pois as antigas identidades e concepções de sujeito entraram em declínio. Segundo o autor, as sociedades modernas estão se transformando ao final do século XX, transformação que decorre de uma mudança estrutural. Esta mudança causa, então, uma fragmentação das paisagens culturais, causando o chamado de deslocamento ou descentração do sujeito, desencadeando, nessa perspectiva, a crise de identidade (HALL, 2006, p. 9).

Dessa maneira, dá-se a perda da noção de sujeito integrado à sociedade em decorrência de sua identidade, que era algo físico e estático. A própria noção de identidade é modificada e não consegue categorizar todos os diferentes indivíduos, principalmente no caso da identidade nacional, como será discutido mais adiante.

Porém, para poder-se dizer que a identidade agora é descentralizada, fragmentada, é preciso definir como e qual o conceito de sujeito, além de demonstrar o percurso da identidade até agora. Hall traz, em seu livro, três noções: o sujeito do iluminismo, sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno. O sujeito do iluminismo, segundo Hall, provinha de um conceito individualista, focado no eu, e era baseado na concepção de identidade única. Esse sujeito, por essa concepção, nascia e permanecia ao longo de sua vida com um “núcleo interior”. Dessa maneira, tinha-se um sujeito centrado e unificado (HALL, 2006, p. 11). Na concepção de sujeito sociológico, porém, o sujeito seria formado pelas relações interpessoais, de identificação com valores e moral de acordo com a sua comunidade. Ele ainda possui núcleo, mas é modificado por essas relações. Segundo Hall:

A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o "interior" e o "exterior" entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de que projetamos a "nós próprios" nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os "parte de nós", contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. (HALL, 2006, p. 11-12).

Por fim, Hall apresenta o conceito de sujeito pós-moderno, que não possui apenas uma identidade: ela agora se modifica de acordo com as vivências e constantes questionamentos que o sujeito realiza ao longo de sua vida; torna-se um processo complicado, e é facilmente desfeita a partir da reflexão sobre si mesmo.

Nestas concepções, abordadas brevemente por Hall, pode-se perceber como a concepção de sujeito está relacionada à concepção de identidade, e como essas mudanças ocorrem através do tempo. Se antes da era moderna o sujeito era centrado, com uma identidade já definida desde o seu nascimento, na modernidade essa concepção é colocada em xeque pelas mudanças e transformações rápidas da sociedade, que fazem o indivíduo

questionar a si mesmo e a sua identidade. O pós-modernismo, com o surgimento de diversos movimentos culturais, sociais e políticos, fez com que a concepção de identidade se tornasse ainda mais fragmentada. O sujeito não é mais facilmente definido desde o nascimento, ou apenas pela comunidade em que cresce e socializa, mas ele se define e redefine constantemente.

Isso ocorre devido às crescentes mudanças da modernidade. Hall cita Mercer ao afirmar que:

De forma crescente, as paisagens políticas do mundo moderno são fraturadas dessa forma por identificações rivais e deslocantes - advindas, especialmente, da erosão da "identidade mestra" da classe e da emergência de novas identidades, pertencentes à nova base política definida pelos novos movimentos sociais: o feminismo, as lutas negras, os movimentos de libertação nacional, os movimentos antinucleares e ecológicos. (Mercer, 1990, *apud* Hall, 2006, p.21).

Dessa maneira, as identidades, depois da modernidade, dependem não apenas de onde o sujeito vive, mas também de suas relações sociais com o mundo. Antes, o sujeito era facilmente definido por questões geográficas, com pouca reflexão acerca de quem era. Porém, na era moderna este sujeito se fragmenta em diversas identidades diferentes. Não é mais apenas uma questão de onde nasceu ou onde mora, e sim a qual comunidade o sujeito pertence. Contudo, isto só acontece quando o sujeito se questiona sobre sua identidade.

2.2 O sujeito na era moderna

Apesar da maneira breve pela qual expõe os conceitos de identidade e sujeito, Hall sugere que tenhamos cuidado quando afirmamos que, antes da era moderna, o sujeito era unificado e que agora já não o é mais, pois essa é uma maneira bastante simplista de descrever as mudanças ocorridas ao longo do tempo sobre a percepção do sujeito. Deve-se ter em mente que essas transformações levaram anos para acontecer e ocorrem até hoje, que seu objetivo não é analisar todas elas, e sim identificar as principais alterações no conceito

de sujeito, e por consequência, de identidade, as quais ocorreram na era moderna até a pós-moderna.

Segundo o autor, o sujeito moderno tornou-se mais individualista por uma série de fatores. Dentre eles, a questão do rompimento com as tradições foi um dos que mais afetou essa mudança. Com as transformações das estruturas principais da sociedade, o indivíduo viu-se sem as certezas inabaláveis que traziam sentido à sua existência e que o definiam como sujeito. Se antes, as tradições eram consideradas inabaláveis, na era moderna o questionamento sobre essas bases se fez presente e trouxe a reflexão e o rompimento com todas as certezas. Sobre essa individualização do sujeito, Hall traz uma afirmação de Williams:

[...] a história moderna do sujeito individual reúne dois significados distintos: por um lado, o sujeito é "indivisível" - uma entidade que é unificada no seu próprio interior e não pode ser dividida além disso; por outro lado, é também uma entidade que é "singular, distintiva, única". (Williams, 1976 *apud* Hall, 2006, p. 26).

Portanto, a questão do individual aborda a identidade uma vez que ter identidade, ao contrário de fazer o indivíduo apenas pertencer a um grupo, o distingue dos demais grupos existentes. Assumir uma identidade, ao contrário de identificar o grupo ao qual pertence, o diferencia dos demais. Por isso, segundo Silva (2012), a diferença não se separa da identidade.

Segundo Hall, a individualização ocorreu por contribuição de diversos movimentos sociais, dentre eles:

[...] a Reforma e o Protestantismo, que libertaram a consciência individual das instituições religiosas da Igreja e a expuseram diretamente aos olhos de Deus; o Humanismo Renascentista, que colocou o Homem (sic) no centro do universo; as revoluções científicas, que conferiram ao Homem a faculdade e as capacidades para inquirir, investigar e decifrar os mistérios da Natureza; e o Iluminismo, centrado na imagem do Homem racional, científico, libertado do dogma e da intolerância, e diante do qual se estendia a totalidade da história humana, para ser compreendida e dominada. (HALL, 2006, p.26).

Dessa maneira, a identidade do indivíduo se torna mais centrada no individual; sua definição não se encontra tão presente na convivência comunitária, nas tradições ou na religião, e sim no homem como “sujeito-da-razão” (p. 29). Essa concepção, no entanto, não foi inabalável. Com a sociedade se modificando cada vez mais e mais rápido, a concepção de identidade foi se tornando mais coletiva e social. Nas palavras de Hall,

As teorias clássicas liberais de governo, baseadas nos direitos e consentimento individuais, foram obrigadas a dar conta das estruturas do estado nação e das grandes massas que fazem uma democracia moderna. As leis clássicas da economia política, da propriedade, do contrato e da troca tinham de atuar, depois da industrialização, entre as grandes formações de classe do capitalismo moderno [...]. O cidadão individual tornou-se enredado nas maquinarias burocráticas e administrativas do estado moderno. (HALL, 2006. p.29-30).

Para englobar todas essas questões, surgiu uma nova concepção de sujeito, mais social e mais definido pelas novas estruturas da sociedade moderna. O sujeito individual dá lugar a um sujeito que se descobre em sociedade, como parte de um Estado-Nação. Esse Estado, como será visto a seguir, tenta definir uma identidade para o sujeito.

2.3 A identidade na era pós-moderna

2.3.1 A descentralização do sujeito

Hall discute em seu livro várias teorias de diferentes autores sobre a descentralização do sujeito, que foram trazidas à tona no século XX. Elas serão expostas neste trabalho em virtude de sua relevância sobre a identidade e a pós-modernidade. A primeira refere-se à redescoberta do sujeito descentralizado quando surge uma nova interpretação dos escritos de Marx na década de sessenta, com o conceito de sujeito como deslocado da concepção individualista de homem com uma “essência universal” (p. 35). A segunda menciona a descoberta do inconsciente, realizada principalmente por Freud, para quem o sujeito se forma por meio de suas relações com os outros, de maneira inconsciente,

nas relações interpessoais. A próxima examina a questão da nova linguística, de Saussure, com a teoria do significado e do significante. Segundo esse raciocínio, como uma palavra em uma língua está sempre em oposição a outra, assim também o indivíduo está sempre em oposição a outro indivíduo, e nunca tem uma identidade, um “significado” único e acabado. O quarto descentramento vem da teoria do poder disciplinar de Foucault, em que Hall expõe a individualização do sujeito por meio das formas coletivas de poder utilizadas pelo regime disciplinar para vigiar e punir (p. 41). Por fim, o quinto descentramento trata do feminismo, que na busca por luta e revolução social, apela para as diferentes identidades e problematiza as relações de cunho social e de gênero (p. 44).

Hall apresenta essas proposições brevemente para demonstrar como a descentralização do sujeito foi amplamente discutida por várias teorias e como esses debates tiveram efeito na desestabilização dos pilares da modernidade, influenciando o conceito de sujeito tal como existe hoje.

2.3.2 A Identidade Nacional como forma de poder

Segundo Hall, hoje é bastante comum ouvir falar da identidade nacional, pois ela se tornou a fonte principal de identidade cultural, embora, pela concepção do autor, esta seja uma representação cultural. Hall toma a identidade nacional como algo não imanente ao sujeito, uma vez que não há qualquer questão genética envolvida; assim, por exemplo, não existem, nessa concepção, sujeitos considerados ingleses pelo código genético, mas sim como resultado de uma série de concepções criadas e replicadas na cultura inglesa do que é ser inglês. O mesmo vale para outras nacionalidades que adotam esses costumes e crenças como fundamentais para a definição de um povo:

Segue-se que a nação não é apenas uma entidade política mas algo que produz sentidos - um sistema de representação cultural. As pessoas não são apenas cidadãos/ãs legais de uma nação; elas participam da idéia da nação tal como representada em sua cultura nacional. Uma nação é uma comunidade simbólica e é isso que explica seu "poder para gerar um sentimento de identidade e lealdade". (Schwarz, 1986, p. 106 *apud* Hall, 2006, p. 48-49).

Com a cultura nacional, surge uma nova maneira de identificação. É a ideia de pertencimento, em que o indivíduo agora não apenas participa de uma comunidade, mas é definido por ela. É claro, não basta nascer entre essa comunidade, ele também deve fazer parte da nação, adotando seus costumes, suas leis e seus símbolos. A cultura nacional, segundo Hall, virou “uma característica-chave da industrialização e um dispositivo da modernidade” (2006, p. 50), porque contribuiu para

criar padrões de alfabetização universais, generalizou uma única língua vernacular como o meio dominante de comunicação em toda a nação, criou uma cultura homogênea e manteve instituições culturais nacionais, como, por exemplo, um sistema educacional nacional. (2006, p. 49-50).

Com isso, a cultura nacional, permeada de sentidos e símbolos identificáveis, constrói a identidade nacional, que se mantém através de diversos dispositivos e estratégias representacionais. A primeira estratégia comentada por Hall é a narrativa da nação, constituída por histórias e feitos históricos, símbolos das experiências que dão sentido à nação. Essas histórias são contadas e recontadas por meio da cultura popular e da mídia, com forte apelo às experiências singulares da nação.

A segunda estratégia é a ênfase nas origens, que consiste no apego das tradições e da ideia de continuidade. É considerado imanente a todos os indivíduos. Esta continua na terceira estratégia a qual faz uso da repetição e da tradição, porém com a invenção de novos rituais que serão repetidos e passados adiante como parte da história cultural da nação.

Também, segundo Hall, a nação terá sempre um mito fundacional, em que se tem a história de formação da nação, porém de maneira quase mítica, perdida no tempo. São histórias buscando explicar como a nação surgiu, explorando questões emocionais que, por sua vez, tragam a identificação da população com o nascimento da nação. Por fim, a última estratégia apresentada por Hall é a de construção da ideia de um povo puro, original da nação, que, convém apontar aqui, assim como o autor, esse povo original nunca está no centro do poder.

Segundo o autor, essas estratégias mencionadas formam a comunidade imaginada. Ele ainda retoma, neste sentido, ideias de Ernest Renan (1990), que também trata destas questões. Para Renan, “(...) três coisas constituem o princípio espiritual da unidade de uma nação: " ... a posse em comum de um rico legado de memórias ... , o desejo de viver em conjunto e a vontade de perpetuar, de forma indivisível, a herança que se recebeu" (Renan, 1990, p. 19). E sobre isso, Hall complementa: “Devemos ter em mente esses três conceitos, ressonantes daquilo que constitui uma cultura nacional como uma ‘comunidade imaginada’: as memórias do passado; o desejo por viver em conjunto; a perpetuação da herança” (HALL, 2006, p. 58).

A identidade nacional tem o propósito de unificar todos os seus membros em uma identidade cultural, mesmo que esses membros sejam de classes sociais, gênero e raça completamente diferentes. Ela fornece a esses indivíduos uma maneira de se identificar com a nação e com seus propósitos, como se todos formassem uma grande família nacional.

Mas porque o estado-nação se volta para a construção da identidade nacional? Bauman (2005) afirma que a identidade nacional é uma das formas de o estado manter o poder sobre a população. Assim como Hall, Bauman concebe a identidade nacional como criada, inventada pelo estado e imposta sobre a população, em uma tentativa não apenas de unificá-la, mas de “legitimar a exigência de subordinação incondicional de seus indivíduos” (Bauman, 2005, p. 27). Ela se torna uma maneira eficaz de disciplina do indivíduo, e por isso é mantida através de diversas estratégias. Os dois autores acima afirmam que o apego ao passado e a uma suposta tradição são utilizados pelo estado para manter a ideia de uma nação única, indivisível.

Além disso, Bauman chama a atenção para outra estratégia utilizada para manter a identidade nacional: a ameaça da exclusão. O estado, ao criar uma identidade nacional, não apenas tenta unificar todos os membros da comunidade, mas também cria uma maneira de manter a separação entre os que pertencem à nação e os que não pertencem, “impor e policiar a fronteira entre o ‘nós’ e ‘eles’ (Bauman, 2005, p. 28). O pertencimento só ocorre com uma oposição entre os que pertencem e os que não pertencem, e o medo de se tornar

excluído da comunidade é suficiente para manter o indivíduo sob o poder do estado. Dessa maneira, a identidade nacional traça essa fronteira entre os que pertencem ou não à nação, oferecendo, aos primeiros, proteção e, aos últimos, a exclusão e o abandono.

Para Hall, é evidente a problemática da concepção de um estado-nação cujos membros sejam iguais, com uma cultura unificada. Para ele, a cultura nacional deve ser pensada “como constituindo um dispositivo discursivo que representa a diferença como unidade ou identidade” (Hall, p. 61-62). Ele também define esse dispositivo como uma forma de poder, que busca unificar essas diferentes identidades em uma só, por meio da ideia de etnia, que define um povo, com tradições, costumes e sentimento de pertencimento a um lugar. Entretanto, como o autor coloca, “[...] *As nações modernas são, todas, híbridos culturais*” (HALL, 2006, p. 62, grifo do autor).

2.4 A identidade e a imigração

Segundo Bauman (2005), a identidade se tornou uma problemática abordada constantemente na literatura do século XX devido ao crescimento do número de imigrações, cada vez mais comuns no mundo globalizado, gerando contato entre diversas culturas e etnias. O autor afirma que a identidade se torna algo problemático quando o indivíduo é retirado de seu lugar de origem e, portanto, se vê sem as certezas de que tinha antes, como ocorre na imigração:

É comum afirmar que as “comunidades” (às quais as identidades se referem como sendo as entidades que as definem) são de dois tipos. Existem comunidades de vida e de destino, cujos membros (segundo a fórmula de Siegfried Kracauer) “vivem juntos numa ligação absoluta”, e outras que são “fundidas unicamente por ideias ou por uma variedade de princípios”. (...) A questão da identidade só surge com a exposição a “comunidades” da segunda categoria - e apenas porque existe mais de uma ideia para evocar e manter unida a “comunidade fundida por ideias” a que se é exposto em nosso mundo de diversidades e policultural. (BAUMAN, 2005. p. 17).

Para o autor, a crise de identidade só ocorre quando o pertencimento do indivíduo é questionado. Por isso, no mundo globalizado, em que a deslocação do indivíduo ocorre cada vez mais, os questionamentos sobre identidade se amplificam. Harari (2017), ao discutir a imigração em “21 Lições para o Século 21”(2017) também explora a questão do deslocamento. Seus comentários são em sua maioria sobre a situação europeia, porém é possível perceber semelhanças com a situação de vários países que são destino comum a várias rotas migratórias. Ele propõe a divisão da imigração em três termos:

Termo 1: O país anfitrião permite a entrada de imigrantes.

Termo 2: Em troca, os imigrantes têm de adotar as normas e os valores centrais do país anfitrião, mesmo que isso signifique abrir mão de alguns de seus valores e normas tradicionais.

Termo 3: Se os imigrantes se assimilarem num grau considerado suficiente, com o tempo tornam-se membros iguais e integrais do país anfitrião. “Eles” passam a ser “nós”. (HARARI, 2017, p. 179).

Sobre a permissão de entrada de imigrantes no país, Harari (2017) afirma que, uma vez permitida a entrada, é dever do país anfitrião assumir responsabilidades com os imigrantes e seus descendentes (p. 182). Segundo o autor, a busca por melhores condições de vida é um motivo válido para a imigração no ponto de vista dos pró-imigracionistas, porém não muito aceito por anti-imigracionistas, os quais acreditam que o país esteja realizando um favor permitindo a entrada dos imigrantes.

Quando discute o termo 2, sobre os imigrantes adotarem os costumes do país que os recebe, Harari (2017) apresenta dois problemas: a assimilação total dos imigrantes à cultura do novo país, que é exigida; e quando isso falha, a dificuldade do país anfitrião de aceitar o imigrante com sua bagagem cultural. Como exposto por Bauman, a identidade nacional acaba por causar a exclusão dos indivíduos incapazes de se adequar ao país. Para o imigrante, não falar a língua do país anfitrião, ou não ter os mesmos costumes resulta na recusa de aceitação dele como parte da cultura nacional. E, caso o imigrante consiga assimilar essa cultura, Harari (2017) comenta sobre a problemática do tempo necessário à aceitação dos imigrantes, que pode ser muito longo para uma pessoa considerando que

mesmo descendentes de imigrantes ainda não são totalmente aceitos como cidadãos daquela nação.

Porém, é preciso lembrar que, muitas vezes, o imigrante tem uma crise com relação à identidade, principalmente relacionada à nacional. Ele já estava inserido em uma outra cultura nacional, a do país de origem. Do choque entre a própria cultura e a cultura do país anfitrião resultam os questionamentos identitários individuais (Harari, 2017).

3. IDENTIDADE EM *THE WOMAN WARRIOR* E *CHINA MEN*

3.1 Kingston, autobiografia e identidade

Kingston foi alvo de diversas críticas pelo fato de seu livro ter sido publicado sob a forma de autobiografia. Segundo Wong, em seu artigo “*Autobiography as Guided Chinatown Tour? Maxine Hong Kingston’s The Woman Warrior and the Chinese American Autobiographical Controversy*” (in *The Woman Warrior: A Casebook*, 1999), muitos escritores sino-americanos contestaram, na época de sua publicação, a autenticidade, a representatividade e o status de autobiografia da primeira obra de Kingston, acusando a sua editora de vender uma obra fictícia como real (WONG, 1999, p. 29-30). A controvérsia principal é a de que a obra seria altamente ficcional, de certa forma fantástica, pois Kingston não foca apenas suas experiências como filha de imigrantes, mas também as de sua família, que em alguns casos poderiam estar sendo exageradas por Kingston para causar mais impacto. O problema residiria no fato de os seus livros serem lidos por um público que veria esses exageros como reais (WONG, 1999, p. 30). A preocupação desses outros autores, segundo Wong, era o efeito social que a obra, tomada como real, teria na representatividade de uma minoria.

Essa preocupação foi exposta porque Kingston, como narradora em suas histórias, fornece ao leitor diversos exemplos e conjecturas sobre o que realmente pode ter

acontecido em diversos momentos de sua narrativa, sem se ater a uma versão em específico (Wong, 1999, p. 32). Os críticos a essa questão também encaram na escolha linguística de Kingston certa neutralidade em relação ao leitor branco, ou mesmo inconsistência, como por exemplo a tradução da palavra *kuei*⁹, utilizada para descrever as personagens não chinesas. Ela é traduzida como fantasma¹⁰ em *The Woman Warrior*, mas em *China Men*, é traduzida como demônio¹¹. Segundo Chan e Tong (*Critic of Admirer*, In WONG, 1999), a primeira tradução traz uma concepção neutra sobre os norte-americanos. Quando a palavra *kuei* é traduzida da segunda forma, essa neutralidade é substituída por um tom mais hostil, muito mais aceito pela comunidade dada a relação problemática e cheia de conflitos sociais entre chineses e norte-americanos.

Um dos maiores exemplos de ficcionalização ocorre na segunda seção de *The Woman Warrior; White Tigers*. Aqui, Kingston traz à tona diversas histórias presentes na cultura chinesa por lendas ou na literatura à tona em uma única narrativa segundo Wong (1999). Entre elas, a mais conhecida pelo ocidente é a de Fa Mulan. “A Balada de Fa Mulan” ou Hua Mulan é um poema chinês cujas primeiras versões escritas datam do século XII, compiladas em uma antologia por Guo Maoqian, mas supõe-se que sua primeira versão tenha se originado no século VIII (KWA; IDEMA, *Mulan: Five Versions of a Classic Chinese Legend with Related Texts*, 2010). Neste poema, é contada, brevemente, a história de Mulan, uma jovem mulher que entra para o exército no lugar de seu pai por ele ser muito velho para lutar na guerra e por não ter filhos homens que possam tomar seu lugar. Segundo Kwa e Idema (2010), o texto original tem como tema central a lealdade e a devoção filial, ou seja, a vontade de servir ao país e à família, com o reforço dos papéis sociais relacionados a gênero, mesmo que ao final do poema exista uma lição bastante progressista para a época sobre os papéis de gênero. Em uma metáfora utilizando a imagem de duas lebres, macho e fêmea, que ao correrem lado a lado perdem sua identidade de gênero, Mulan termina a história com uma lição sobre como homem e mulher, quando

⁹ 鬼, caractere simplificado.

¹⁰ *Ghost*, no original.

¹¹ *Demon*, no original.

desprovidos de identificação biológica e social (comentando sobre o contexto do poema, em que Mulan está vestida como homem e age como um) não poderiam ser vistos como diferentes (KWA; IDEMA, 2010).¹²

Em *White Tigers*, Kingston modifica a lenda de Fa Mulan de tal maneira que apenas alguns elementos dela são reconhecíveis, o que transforma uma história sobre a lealdade para com seu país e sua família em uma história, segundo Wong, bem menos patriarcal que o original (WONG, 1999, p. 33). Esse fato, de acordo com outros escritores sino-americanos, torna-se problemático, pois pode ser tomado como real por leitores ignorantes sobre a cultura chinesa, podendo até mesmo reforçar estereótipos negativos (WONG, 1999).

Essa visão crítica ao trabalho de Kingston é importante porque revela como a escolha do gênero autobiografia pode influenciar a percepção de uma obra como esta pelo público ao mesmo tempo em que mostra como a narrativa das experiências de Kingston é única, tornando a leitura dos livros uma prática reflexiva sobre o choque entre as culturas chinesa e a ocidental. A autobiografia de grupos étnicos, como Wong discute em seu artigo, era vista como “[...] uma história dentro do microcosmo da comunidade, especialmente de seus sofrimentos, dificuldades e triunfos sobre o racismo”¹³ (WONG, 1999, p. 37, tradução nossa). Em conclusão, deve ser uma história inspiradora para outros da mesma etnia e educativa o suficiente para outros grupos étnicos. No entanto, ao mesmo tempo, a autobiografia pode se tornar um guia turístico para esses leitores. Wong cita a situação do grupo sino-americano, que por causa da relação com os Estados Unidos, sofre das consequências do segundo caso, em que autenticidade e representatividade entram em choque. Segundo Ling (In WONG, 1999), em seu artigo “*Chinese American Women Writers*”, escritores como Kingston tendem a ser mais individualistas, com uma escrita

¹²O poema possui uma versão traduzida na internet sem créditos ao tradutor. O verso é mais ou menos como se segue: “Lebres macho gostam de chutar e pisar, / lebres fêmeas têm olhos enevoados e acetinados. / Mas se as lebres correm lado a lado, / quem pode dizer qual é ele ou ela?” (Hua Mulan, a lendária e corajosa guerreira.

Disponível em Epoch Times, <https://www.epochtimes.com.br/hua-mulan-a-lendaria-e-corajosa-guerreira/>, publicado em 22 de fevereiro de 2013)

¹³ *A history in microcosm of the community, especially of its sufferings, struggles, and triumphs over racism.*

mais voltada para si mesmos, porque, quando se vive entre duas culturas, o foco do indivíduo tende a ser para dentro de si, em uma tentativa de se explicar para si mesmo (LING, In WONG, 1999). Ao escrever suas narrativas, Kingston busca uma narrativa de si mesma, de compreensão de seu lugar no mundo como filha de imigrantes nascida nos Estados Unidos. Sua narrativa busca compreender, dessa maneira, a cultura de origem de seus pais, procedentes de um país que ela conheceu apenas por suas histórias, as quais fizeram parte de sua criação. Sua preocupação não é uma descrição dos costumes chineses, e sim uma reflexão sobre eles em um país ocidental, tentando compreender seu próprio espaço e suas experiências como sino-americana.

Segundo Philippe Lejeune, em “O Pacto Autobiográfico”, a autobiografia tem compromisso com a realidade a partir do momento em que é realizado, entre autor e leitor, o que ele chama de “pacto autobiográfico”. Neste caso, o leitor assume que o narrador, o personagem e o autor do livro são a mesma pessoa ao associar-se o nome do autor com o “eu” presente na narrativa:

A autobiografia (narrativa que conta a vida do autor) pressupõe que haja *identidade de nome* entre o autor (cujo nome está estampado na capa), o narrador e a pessoa de quem se fala. Esse é um critério muito simples, que define, além da autobiografia, todos os gêneros da literatura íntima (diário, auto-retrato, auto-ensaio). (LEJEUNE, 2008, p. 24).

A autobiografia está próxima da realidade, pois lhe faz referência ao mesmo tempo em que possui um compromisso com a realidade. Entretanto, segundo Lejeune, esse compromisso pode se manifestar de várias maneiras, com resultados diferentes. Na autobiografia, apesar de fazer referências à realidade, o autor da autobiografia também faz referência a si próprio. A verdade presente na obra se torna a sua verdade, relacionada às suas memórias e experiências. Lejeune afirma isso ao diferenciar entre biografia e autobiografia: enquanto a biografia faz referência a realidade, com foco na verdade e nos fatos, a autobiografia é mais pessoal, distinta, mais próxima do romance do que da história.

Segundo Hutcheon (1991), a separação entre literatura e história não é um problema recente. Existem diversas concepções sobre história e literatura, mas segundo a autora, ambas coincidem e colidem em diversos pontos, deixando a linha que as separa cada vez mais ambígua, principalmente em obras pós-modernas. Na literatura moderna, a arte pela arte na escrita causou a marginalização da literatura, isto é, sua separação com o mundo real, enquanto a produção pós-moderna, ao incluir elementos históricos, inverte esse processo, por meio da “metaficção historiográfica”, conceito cunhado por Hutcheon. Dessa maneira, os romances se utilizam de fatos, personagens e intertextos históricos, tais como notícias de jornais, diários etc. Segundo a autora, a utilização da história em romances não é recente, porém, o modo como é utilizada no pós-modernismo transforma esse uso na “metaficção historiográfica”. O pós-moderno na literatura traz a história para o presente para revelar como ela não é conclusiva. O pós-moderno demonstra como não há verdade ou falsidade, mas sim diversas verdades, e quebra o estabelecido como verdade.

Em Kingston, as fronteiras entre o que é ficção e o que é realidade não são tão óbvias. Quando ela escreve *No Name Woman*, ela tem apenas o que sua mãe disse para guiá-la sobre o episódio da punição de sua tia pelos moradores do vilarejo. Essa descrição é rica em detalhes e objetiva: temos o que foi quebrado e roubado, como os aldeões agiram, como as pessoas da família- incluindo *Brave Orchid* - se comportaram, sem adicionar nada sobre os seus sentimentos, ou de outras pessoas. A linguagem é brutal e fornece uma imagem clara e ao mesmo tempo sombria do que aconteceu naquela noite, e *Brave Orchid* tem seus próprios métodos na ambientação da história. Entretanto, mesmo quando descreve como sua cunhada foi encontrada morta, *Brave Orchid* não faz comentários subjetivos, e sim objetivos. Ela não descreve como se sentiu ou como as pessoas da casa se sentiram ao descobrirem o fato, e não perde tempo em comentar como a tia pode ter se sentido ou porque ela teria cometido suicídio:

Os aldeões quebraram as portas da frente e de trás ao mesmo tempo, embora não as tivéssemos trancado contra eles. Suas facas pingavam com o sangue dos nossos animais. Eles espalharam sangue nas portas e nas paredes. Uma mulher balançou uma galinha, cuja garganta havia sido cortada, espalhando sangue em arcos vermelhos ao seu redor. Nós ficamos parados juntos no meio da casa, no hall da família com as fotos e as mesas dos nossos ancestrais ao nosso redor, olhando para frente. [...] Na manhã seguinte, quando eu fui buscar água, eu a encontrei junto com o bebê bloqueando o poço da família.¹⁴ (KINGSTON, 1989, p. 4, tradução nossa).

Essa questão sobre o porquê de a tia ter resolvido cometer suicídio fica implícita em suas palavras posteriormente, ao pedir que Kingston não envergonhe sua família, e pode-se apenas supor a causa dessa decisão. Kingston, ao recontar o que houve na tentativa de encontrar um paralelo entre ela e sua tia sem nome, dedica-se a dar à personagem sentimentos e sensações. Ela faz isso ao descrever como seu caso com o homem pode ter sido forçado: “Eu desejo que seu medo tenha durado apenas o mesmo tempo que o estupro durou para que ele tenha sido contido. Sem medo prolongado”¹⁵(KINGSTON, 1989, p. 7, tradução nossa). Segundo Bosi em (2013), a fronteira entre ficção e não-ficção torna-se cada vez menos óbvia em algumas correntes da literatura pós-moderna. Para Bosi, principalmente com romances em que se busca trazer fatos como parte principal da história que se quer narrar, quando se traz a história de um fato ou acontecimento histórico, sempre se está preso também ao imaginário, por meio de descrições simbólicas. Mesmo a narrativa de *Brave Orchid* torna-se simbólica, pois ela termina com uma lição. Kingston, utilizando-se de histórias pessoais como essa ou de lendas, como fez com a de Fa Mulan, não rompe com as leis da comunidade. Ao narrar a história de sua tia novamente, Kingston

¹⁴ *The villagers broke in the front and the back doors at the same time, even though we had not locked the doors against them. Their knives dripped with the blood of our animals. They smeared blood on the doors and walls. One woman swung a chicken, whose throat she had slit, splattering blood in red arcs about her. We stood together in the middle of our house, in the family hall with the pictures and tables of the ancestors around us, and looked straight ahead. [...] The next morning, when I went for the water, I found her and the baby plugging up the family well.”*

¹⁵ *I want her fear to have lasted just as long as the rape lasted so that the fear could have been contained. No drawn-out fear.*

junta o que ouviu, a narrativa dos fatos pela percepção de sua mãe, com hipóteses das razões que levaram sua tia e os moradores do vilarejo a cometerem aquelas ações. Ao fazê-lo, Kingston deixa claro ao usar “talvez”, “poderia ter sido” etc., para marcar sua incerteza sobre o assunto. De fato, em um primeiro momento, Kingston usa “talvez” em um dos primeiros parágrafos várias vezes:

Talvez ela o tenha encontrado nos campos ou na montanha onde as noras buscavam combustível. Ou talvez ele a tenha notado primeiro no mercado. Ele não era um estranho porque a aldeia não abrigava estranhos. Ela deve ter tido outros assuntos com ele além de sexo. Talvez ele trabalhasse em um campo vizinho, ou vendeu o tecido que ela usou para costurar o vestido que usava. Sua ordem deve tê-la surpreendido, e então a assustado. Ela obedeceu; ela sempre fez o que era ordenado.¹⁶ (KINGSTON, 1989, p. 6, tradução nossa).

Entretanto, realidade e ficção se combinam no uso da linguagem de Kingston, pois a autora não utiliza sempre essas marcações linguísticas de realidade e ficção. Em parágrafos subjacentes, Kingston descreve as ações de sua tia no passado simples, como se elas houvessem acontecido de fato. O mesmo acontece em *At the Western Palace*. Aqui, a autora conta o que aconteceu com a irmã de *Brave Orchid*, *Moon Orchid*. A história é contada diretamente, com detalhes objetivos: “Quando ela tinha mais ou menos sessenta e oito anos, *Brave Orchid* tirou um dia de folga para esperar no Aeroporto Internacional de São Francisco pelo avião que estava trazendo sua irmã para os Estados Unidos.”¹⁷ (KINGSTON, 1989, p. 113, tradução nossa) e com descrições de como as personagens se sentiam, em especial sobre o olhar desaprovador de *Moon Orchid* sobre os seus sobrinhos: “*Moon Orchid* tentaria fazê-los sair. Eles deveriam ter muitas coisas agressivas e interessantes para dizer, criados como foram na região selvagem”¹⁸ (KINGSTON, 1989, p.

¹⁶ *Perhaps she had encountered him in the fields or on the mountain where the daughters-in-law collected fuel. Or perhaps he first noticed her in the marketplace. He was not a stranger because the village housed no strangers. She had to have dealings with him other than sex. Perhaps he worked an adjoining field, or he sold her the cloth for the dress she sewed and wore. His demand must have surprised, then terrified her. She obeyed him; she always did as she was told.*

¹⁷ *When she was about sixty-eight years old, Brave Orchid took a day off to wait at San Francisco International Airport for the plane that was bringing her sister to the United States.*

¹⁸ *Moon Orchid would try to draw them out. They must have many interesting savage things to say, raised as they'd been in the wilderness.*

114, tradução nossa). Porém, em nenhum momento, temos o encontro entre *Moon Orchid* e Kingston. Apenas depois de terminar a narrativa sobre a tia, na próxima seção chamada *A Song for a Barbarian Reed Pipe*, a autora revela o quanto realmente sabia sobre a história:

O que meu irmão realmente disse foi, “Eu levei mamãe e a tia mais nova para Los Angeles de carro para encontrar com o marido da tia que tinha outra esposa.”
 “Ela bateu nele? O que ela disse? O que ele disse?”
 “Nada. Mamãe falou a maior parte do tempo.”
 “O que foi que ela disse?”
 “Ela disse que ele deveria levá-las para almoçar, pelo menos.”
 “Do lado de qual das esposas ele se sentou? O que eles comeram?”
 “Eu não fui. A outra esposa também não. Ele fez um gesto para que não falássemos.”
 [...]
 “O que mais a mamãe disse?”
 “Eu não me lembro. Eu fingi que um pedestre tinha quebrado a perna para que ele viesse.”¹⁹
 (KINGSTON, 1989, p. 164, tradução nossa).

A própria autora faz um comentário sobre seu jeito de narrar a história, debruçando-se sobre suas escolhas narrativas, deixando claro como ela, algumas vezes, desvia-se da linguagem mais objetiva e factual, dizendo que a versão da história de seu irmão pode ser melhor que a sua, por ser mais direta e menos retorcida²⁰. Kingston compara-se a um fazedor de nós ilegal da China²¹, uma metáfora que explica como ela desenvolve suas histórias, tornando-as como nós que se tornam impossíveis de serem desfeitos, assim como realiza em sua história ao contar o real e o imaginário. Essa combinação define o estilo literário de Kingston em *The Woman Warrior* e *China Men*.

¹⁹ *What my brother actually said was, “I drove Mom and Second Aunt to Los Angeles to see Aunt’s husband who’s got the other wife.” “Did she hit him? What did she say? What did he say?” “Nothing much. Mom did all the talking.” “What did she say?” “She said he’d better take them to lunch at least.” “Which wife did he sit next to? What did they eat?” “I didn’t go. The other wife didn’t either. He motioned us not to tell.” [...] “What else did Mom say?” “I don’t remember. I pretended a pedestrian broke her leg so he would come.”*

²⁰ O que ela diz, no caso, é: *His version of the story may be better than mine because of its bareness, not twisted into designs. Maxine Hong Kingston. (KINGSTON, 1989, p.163)*

²¹ *Long ago in China, knot-makers tied string into buttons and frogs, and rope into bell pulls. There was one knot so complicated that it blinded the knot-maker. Finally an emperor outlawed this cruel knot, and the nobles could not order it anymore. If I had lived in China, I would have been an outlaw knot-maker. (KINGSTON, 1989, p.163)*

Em *China Men*, Kingston inicia contando a história de seu pai ao afirmar que ele, ao contrário de sua mãe, não fornece muitas histórias sobre seu passado na China. Ela inicia a narrativa se dirigindo ao seu pai e dizendo, de maneira direta, que não tem certeza dos fatos: “Eu lhe direi o que suponho de seu silêncio e de suas poucas palavras, e você pode me dizer se estou errada. Você só terá de contar as histórias reais se eu o compreendi de forma errada”²² (KINGSTON, 1989, p. 19, tradução nossa). A partir deste momento, a história da infância até a imigração de seu pai é contada utilizando-se também dos tempos verbais no passado, sem muita margem para o uso de “talvez”. Dessa maneira, Kingston distingue e ao mesmo tempo não distingue o que é real e o que é imaginário. Supõe-se que as memórias nas quais Kingston se baseia são apenas referências aos fatos reais, pois as histórias em *China Men* são em sua maioria sobre pessoas que ela não conheceu ou sobre as quais ela apenas ouviu histórias de outros parentes. Essas histórias se apoiam em alguns fatos: a família de Kingston é de imigrantes; seu pai teve maior educação na China e se tornou professor; seus avós também migraram, alguns parentes retornaram para a China, outros não; e assim, sucessivamente, Kingston cria uma narrativa voltada para o real e o fictício ao mesmo tempo, sem muitas fronteiras entre os dois.

Ao se utilizar das lendas, Kingston quebra essas fronteiras novamente ao colocá-los lado a lado do que poderia ser considerada uma narrativa factual. Ao mesmo tempo, esses mitos não são retirados exatamente da cultura chinesa. Segundo Wong (1999), as lendas utilizadas por Kingston não batem exatamente com as tradicionais. O maior exemplo disso está em *White Tigers*, em que Kingston conta o que parece ser a balada de Fa Mulan, mas coloca diversos outros elementos, transformando-a em uma história nova. O mito de Fa Mulan, apesar de não ser um evento histórico, existe na cultura chinesa, e ainda assim a autora o modifica, dando-lhe mais símbolos e descrições além da história original. Torna-se mesmo difícil separar nele o que é original dos mitos chineses e o que foi criado pela autora. Ao narrar essa história desta maneira, Kingston simbolicamente demonstra como

²² *I'll tell you what I suppose from your silences and a few words, and you can tell me that I'm mistaken. You'll just have to speak up with the real stories if I've got you wrong.*

sua experiência em tentar descobrir o que era chinês e o que era inventado por seus pais era uma tarefa árdua. Segundo a autora, os imigrantes chineses tentam, de propósito, confundir seus filhos e filhas, pois nada é dito com clareza. Ela não consegue distinguir o que são tradições e o que é pertinente a cada família. Por isso, não se sabe exatamente onde começa o que é inventado e o que é real na narrativa de Kingston. Ela deliberadamente deixa embaçada essa linha tênue entre os dois opostos porque essa foi sua experiência, ao mesmo tempo em que tenta compreender o que é real e o que é ficção, o que é chinês e o que não é.

Muitas das questões que Kingston levanta são herdadas de seus pais. Ela mesma afirma isso quando, no início de *China Men*, descreve similaridades com sua mãe: “Eu sou como MaMa. Nós temos mente de camponeses. Nós vemos os tiques de um estranho e atribuímos motivos”²³ (KINGSTON, 1989, p. 18-19, tradução nossa). Ao compararmos os dois livros, percebemos que ela também herda algo de seu pai, um acadêmico da China, ao usar as palavras e a escrita para se lembrar de sua tia em *No Name Woman*. Ao mesmo tempo, o silêncio de seu pai sobre a China e sobre seu passado fazem-na colocar em palavras esse silêncio em *China Men*, e ele foi, desde o início da história, marcado como mais americano que sua mãe. Ao chegar à América, ele adota costumes estadunidenses, e as tradições ficam esquecidas até a chegada de *Brave Orchid*. Ao tentar conciliar a figura de seus pais com a tradição e os Estados Unidos, Kingston transforma suas narrativas na representação de sua vida como sino-americana. Assim, a fronteira entre o real e o imaginário nunca é sólida.

Segundo Bosi (2013), a história, quando presente no romance, pode sê-lo de várias maneiras como não-ficção. A autobiografia apresenta essa ligação com a realidade, com o que é considerado histórico e factual, pois possui compromisso com as experiências do indivíduo. Ao analisar o romance histórico, ele afirma que mesmo os fatos acabam por ser trabalhados de maneira subjetiva, uma vez que “[...] o modo de trabalhar, *que é essencial, é ficcional*” (BOSI, 2013, p. 224). Ainda, segundo Bosi,

²³ *I take after MaMa. We have peasant minds. We see a stranger's tic and ascribe motives.*

O romancista não mente nunca, porque ele efetivamente está mexendo com representações da imaginação que podem, ou não, ter um conteúdo empírico historicamente atestado. Mesmo que maciçamente seja documentado o fato que ele está contando, o regime do texto no seu conjunto é de ficção. (BOSI, 2013, p. 224).

Embora as obras de Kingston sejam autobiográficas e tenham alguns momentos em que ela mesma tente separar o que é real e imaginário por meio de relatos e comentários acerca de sua própria escrita, suas obras são influenciadas por sua experiência híbrida, em que as fronteiras entre uma cultura e outra acabam por ficar intangíveis. Kingston critica ambas as culturas, uma vez que ambas não a aceitam e ela também não pode aceitá-las, e ao escrever sobre esse conflito, ela traz também esse questionamento sobre o que é real e o que é imaginário em seus livros. Em um determinado momento, Kingston afirma que sua mãe usava histórias como a de *No Name Woman* para que seus filhos aprendessem a estabelecer realidades²⁴, ou seja, separar o inventado do real, para que eles pudessem aprender as lições que ela queria comunicar. Dessa maneira, “[...] Nós das primeiras gerações americanas tivemos de descobrir como o mundo invisível que os imigrantes construíram ao nosso redor em nossa infância se encaixa na sólida América”²⁵ (KINGSTON, 1989, p. 5, tradução nossa). Essa ambiguidade distingue a estrutura narrativa de Kingston como autobiográfica.

3.2 A identidade da mulher guerreira em *The Woman Warrior*

Como filha de imigrantes, Kingston entrou em contato com várias das experiências comentadas por Harari (2017), o que gerou dúvidas sobre sua identidade. Seu questionamento se inicia imediatamente na primeira seção, quando a autora se questiona sobre sua identidade chinesa: “como separar o que é peculiar à sua infância, a pobreza, insanidades, uma família, sua mãe que marcou seu crescimento com histórias, do que é

²⁴ She tested our strength to establish realities. (KINGSTON, 1989, p.5)

²⁵ *Those of us in the first American generations have had to figure out how the invisible world the emigrants built around our childhoods fits in solid America.*

chinês? O que é tradição chinesa e o que são os filmes e o que são os filmes?”²⁶ (KINGSTON, 1989, p. 5-6, tradução nossa). Ela traz esse questionamento porque não consegue perceber claramente as lições que sua mãe traz em suas narrativas. A mãe, chamada por Kingston de *Brave Orchid*, é bastante presente por ser quem apresenta para Kingston as tradições chinesas e também de quem, segundo Kingston, ela herdou um “grande poder, o contar-histórias de minha mãe”²⁷ (KINGSTON, 1989, p. 20, tradução nossa). A mãe na narrativa de Kingston é quem traz as tradições para a família, quem tenta educar os filhos utilizando histórias sobre a China para ensinar suas tradições. Neste livro, Kingston demonstra como os ensinamentos de sua mãe, que se voltam para as tradições, chocam com a vida na sociedade norte-americana e com costumes tão diferentes.

Suas histórias e seu ensino constante das tradições são a única ligação de Kingston com a China, uma nação desconhecida para quem nasceu nos Estados Unidos. Ao mesmo tempo em que as tradições chinesas são passadas pela mãe, na escola e no restante do bairro Kingston tem contato com a vida ocidental. Os dois mundos se chocam, o que causa a confusão identitária em Kingston.

No primeiro capítulo de *The Woman Warrior, No Name Woman*, pode-se perceber a influência dos costumes e tradições na educação de Kingston quando a mãe conta a história de uma suposta tia paterna, sem nome, perdido por descumprir seu papel de mulher fiel. Esta história, como muitas, é utilizada por *Brave Orchid* como lição sobre os deveres da mulher no casamento, sendo o principal deles a fidelidade. Porém, uma linha na fala de *Brave Orchid* chama muito a atenção: “Os aldeões estão atentos”²⁸ (KINGSTON, 1989, p. 5, tradução nossa). Essa linha tem um significado muito importante. Não é apenas sobre a humilhação de sujar o nome da família ou de sofrer o mesmo esquecimento. A lição “não cometa adultério”, “não agir fora do casamento” também significa “não quebre as leis da comunidade”. Na China, no entanto, principalmente na China em que os pais de Kingston

²⁶ [...] *how do you separate what is peculiar to childhood, to poverty, insanities, one family, your mother who marked your growing with stories, from what is Chinese? What is Chinese tradition and what is the movies?*

²⁷ *great power, my mother talking-story.*

²⁸ *The villagers are watchful*

moraram, a comunidade era a vila onde viveram, em que os moradores e vizinhos se conheciam há anos. Nos Estados Unidos, essa comunidade se transforma nos bairros chineses compostos de imigrantes, formando uma nova comunidade no mesmo bairro da autora. Nesta história, é perceptível como o papel da mulher na estrutura familiar de Kingston é colocado em forma de subserviência aos valores patriarcais. Esta história é contada a Kingston com o objetivo de passar uma lição vinda da tradição chinesa, não apenas para ensinar sobre fidelidade, mas também sobre como viver em comunidade. Nas palavras de sua mãe: “[...] Agora que você começou a menstruar, o que aconteceu com ela pode acontecer com você. Não nos humilhe. Você não gostaria de ser esquecida como se nunca tivesse nascido” (KINGSTON, 1989, p. 5)²⁹. É dever de Kingston, como mulher, não trazer a humilhação para sua família.

Segundo Smith, em seu capítulo “*Filiality and Woman’s Autobiographical Storytelling*” (In WONG, 1999), a história que *Brave Orchid* usa educa Kingston para a vida como mulher adulta. Seu corpo agora possui um papel importante nas esferas sociais, políticas, econômicas e mesmo simbólicas. Ao mesmo tempo em que ele tem a obrigação de servir ao patriarcado e continuar a sua linhagem através dos filhos, ele também tem o potencial de perturbar e destruir a comunidade (SMITH, In WONG, 1999). Depois que a narrativa de *Brave Orchid* termina, Kingston revela suas próprias percepções sobre o que ouviu na infância. O livro reconta as histórias de *Brave Orchid*. São essas visões entre as histórias vindas da tradição chinesa e a vida nos Estados Unidos que Kingston tenta conciliar. Mas sua narrativa não pretende apenas ligar duas culturas distintas: Kingston faz uma reflexão profunda entre a tradição e seu significado. Nesta mesma seção, ao comentar que não existem detalhes na história de sua mãe, a autora os produz criando várias versões sobre a tia cuja história ela ouviu apenas uma vez.

Nestas versões, tanto aquelas em que o adultério foi ou não sua escolha, uma coisa se mantém: os aldeões a punem não apenas por adultério, mas pela quebra das leis, das

²⁹ *Now that you have started to menstruate, what happened to her could happen to you. Don’t humiliate us. You wouldn’t like to be forgotten as if you had never been born.*

tradições, pela audácia de manter uma vida privada (KINGSTON, 1989, p. 13). Ela descreve as ações de sua tia refletindo sobre suas razões, como o adultério pode ter acontecido e como ela pode relacioná-la a si mesma, refletindo também sobre várias questões de gênero. Uma dessas questões é a de que provavelmente, ela não teve escolha, implicando uma situação de abuso sexual. Porém, outras versões posteriores dão a ela a escolha, até mesmo o direito de se apaixonar. Segundo Smith, Kingston faz isso porque a primeira versão coloca essa figura feminina como sem escolha e poder sobre si mesma. Ao questionar esse fato, ela dá mais poder e voz a essa figura feminina. Mesmo com a punição, Kingston coloca como razão um momento de fome pelo qual a comunidade está passando, razão que leva os aldeões a decidirem que as ações de sua tia são um crime e cuja consequência será a pilhagem dos bens da família. Quanto à decisão dela de morrer junto com a criança, Kingston a coloca como sua escolha, e como um ato de amor: “Mães que amam seus filhos levam eles consigo”³⁰(KINGSTON, 1989, p. 15, tradução nossa). Ao fazer isso, Kingston dá voz pela primeira vez a uma pessoa cuja verdadeira punição foi ser esquecida e ignorada pela família. Ela dá a sua tia uma voz subversiva e transgressora, o oposto do que seria esperado de uma mulher aldeã na cultura a qual pertence (SMITH, In WONG, 1999, p. 61).

Ao final da história sobre sua tia, Kingston comenta sobre como ela está dedicando, depois de anos de esquecimento, páginas e mais páginas para essa mulher, dessa maneira revelando, dessa maneira, o poder de suas palavras. A palavra e a escrita são os meios utilizados por Kingston para definir não apenas para refletir sobre si mesma, mas também como um gesto de resistência. Assim como em *White Tigers*, Kingston usa de palavras para tentar resistir aos atos de racismo e de machismo que testemunha.

³⁰ *Mothers who love their children carry them along*

3.2.1 O papel das lendas, da literatura e das tradições na educação de Kingston

Foi apresentado anteriormente como a identidade nacional, como forma de poder, tenta unificar os membros de uma comunidade, cujo poderio se encontra no Estado-nação. Entretanto, é relevante comentar seu efeito sobre as comunidades, principalmente no contexto da migração. Ao narrar suas experiências, Kingston demonstra como a convicção de assumir uma identidade nacional é um dever que se instala no pensamento de sua família, principalmente de sua mãe, que se recusa a aceitar a identidade norte-americana. Como resultado, ela toma as mesmas estratégias para reproduzir um senso de identidade chinesa em seus filhos, ensinando tradições, símbolos e lendas, tudo o que representa, não a cultura chinesa em si, mas a cultura de sua comunidade. A fala “Os aldeões estão atentos” não se refere apenas aos imigrantes da comunidade que moram próximos, mas também aos que permaneceram na China, em sua comunidade de origem. Embora Kingston nunca tenha tido contato com aquela China, com aquele povoado, *Brave Orchid* os faz presentes, com suas histórias, na vida de sua filha.

Na seção previamente mencionada, *White Tigers*, Kingston delibera como as narrativas sobre a personagem da mulher guerreira, inspirada em várias lendas do folclore chinês, ao mesmo tempo que retira vários conceitos presentes da literatura chinesa, não têm muitos paralelos em sua vida, uma vez que nascida americana, ela não vê semelhanças com a vida da mulher guerreira das histórias. A mulher guerreira, como Fa Mulan, era independente e protegia sua comunidade. Kingston apenas fantasia sobre tal, fazendo o paralelo entre os vilões das histórias de sua mãe e os vilões da vida real - homens de terno, sentados em cadeiras de couro, em sua maioria racistas. Mas, contra esses homens, ela pouco tem o que fazer, mesmo quando tenta confrontá-los com suas palavras. Isso fica evidente quando ela menciona sua fraca recusa em escrever convites para um evento a seu chefe, que escolhe um restaurante por ele estar sendo alvo de protestos contra o racismo. Sua fala traz como consequência sua demissão:

“Você sabia que o restaurante que escolheu para o banquete está sendo alvo de protestos da CORE e da NAACP³¹?” Eu chiei. ‘É claro que sei.’ O patrão riu. ‘É por isso que eu o escolhi.’ ‘Eu me recuso a escrever estes convites,’ eu sussurrei, a voz instável. Ele se inclinou em sua cadeira de couro, seu grande estômago opulento. Ele pegou seu calendário e lentamente circulou uma data. ‘Você será paga até aqui,’ ele disse. ‘Vamos enviar seu cheque por correio.’” (KINGSTON, 1989, p. 48-49, tradução nossa).³²

Como não consegue fazer muito pela sua família ou pelos injustiçados, as narrativas de *Brave Orchid*, segundo a autora, apenas a confundem. Ela deve partir para a China, conquistar as terras tiradas de sua família pela força? Reconquistar a lavanderia que foi tomada pelo governo norte-americano anos atrás em Nova York? O que, exatamente, ela deve fazer sobre esses ensinamentos sobre guerreiros buscando por justiça através do derramamento de sangue? É um paralelo que se repete ao longo de seu livro. No entanto, neste trecho, Kingston, de certa forma, demonstra como sua luta pessoal contra a discriminação ocorre: com o uso das palavras. Ao escrever sobre a mulher guerreira e sobre suas ações contra os atos de racismo, Kingston se utiliza de suas palavras ao invés de uma espada, como pode ser lido no último parágrafo de *White Tigers*, que segue a reflexão da autora sobre a importância das mulheres para sua cultura, pois apenas distante de sua família ela consegue chegar à conclusão de que ter nascido mulher não a impede de lutar contra as injustiças utilizando sua voz.

A espadachim e eu não somos tão diferentes. Que meu povo entenda a semelhança logo para que eu possa retornar para eles. O que temos em comum são as palavras nas nossas costas. As expressões para *vingança* são “reportar um crime” e “reportar para cinco famílias”. O reportar é a vingança - não a

³¹ CORE (*Congress Of Racial Equality*), organização fundada em 1942 voltada a combater a discriminação racial (Congress of Racial Equality, Britannica Encyclopedia); NAACP (*National Association for the Advancement of Colored People*), associação fundada em 1909 voltada à luta pelos direitos civis (NAACP, History).

³² *Did you know the restaurant you chose for the banquet is being picketed by CORE and the NAACP?” I squeaked. “Of course I know.” The boss laughed. “That’s why I chose it.” “I refuse to type these invitations,” I whispered, voice unreliable. He leaned back in his leather chair, his bossy stomach opulent. He picked up his calendar and slowly circled a date. “You will be paid up to here,” he said. “We’ll mail you the check.”*

decapitação, não a evisceração, mas as palavras. [...] (KINGSTON, 1989, p.53, tradução nossa).³³

A nação, neste caso para Kingston e seus irmãos, torna-se um símbolo. A China não é seu país de origem, e ela nunca o visitou, mas é esperado dela e de seus irmãos que se considerem chineses e parte daquela comunidade, daquele pequeno povoado onde seus pais nasceram. Trata-se de uma identidade que ela não consegue assumir porque as histórias de sua mãe não fazem sentido nos Estados Unidos do século XX. Em *A Song for a Barbarian Reed Pipe*, Kingston conta mais uma história, sobre como a família de sua mãe, seguindo as orientações da matriarca, que ama teatro, segue ileso mesmo quando atacados por bandidos ao assistirem à uma peça no teatro. Há notícias de que bandidos estão roubando as casas quando as famílias saem para ir assistir peças de teatro, e a velha matriarca, avó de Kingston, convence a família a sair mesmo assim, dissipando suas preocupações deixando as portas da casa abertas para que não fiquem ansiosos. Segundo Smith (1989), a mãe de Kingston, ao contar este episódio, demonstra perfeitamente como suas histórias são emblemáticas e, ainda assim, mostram como a mulher é vulnerável e ao mesmo tempo feroz, pois, no final da história, a casa não é atacada - é atacado o teatro. A família volta para a casa sã e salva, e a avó de Kingston consegue que todos passem a admirar o teatro tanto quanto ela. Ora, esse evento mostra que a família é “imune a danos enquanto fossem assistir à peças”³⁴ (KINGSTON, 1989, p. 207, tradução nossa). Kingston continua nessa temática quando conta a história de Ts'ai Yen, uma figura histórica raptada por povos bárbaros e que viveu em um país desconhecido, isolada até mesmo por seus filhos, os quais não aprenderam sua língua, mas a língua estrangeira. Smith faz um paralelo dessa história e a história de *Brave Orchid*: ambas estão isoladas em outro país, e seus filhos não aprendem a sua língua. Entretanto, na história de Ts'ai Yen, ela encontra, na arte, uma ponte entre as duas culturas na arte. Os bárbaros, assim como seu povo, têm música e, por meio da fusão

³³ *The swordswoman and I are not so dissimilar. May my people understand the resemblance soon so that I can return to them. What we have in common are the words at our backs. The idioms for revenge are “report a crime” and “report to five families.” The reporting is the vengeance - not the beheading, not the gutting, but the words.*

³⁴ [...] *our family was immune to harm as long as they went to plays.*

dos estilos estrangeiros e os de seu povo, Ts'ai Yen deixa seu legado para as gerações posteriores. Isso reflete a vida de Kingston, que tem as histórias de sua mãe. Por estar entre culturas, ambas também se encontram isoladas. Dessa maneira, Kingston aproxima suas experiências das de sua mãe (SMITH, In WONG, 1999).

Nesta linha de raciocínio, a reflexão que Kingston apresenta é a dificuldade com a identificação com sua cultura como resultado de como o gênero feminino é tratado, mais precisamente, como a cultura chinesa, na perspectiva de Kingston, define o papel da mulher. Esse tema está presente em boa parte dos livros, e é importante abordá-lo aqui uma vez que possui implicações na formação da identidade das mulheres da comunidade de Kingston. A autora reflete sobre como a sua educação foi contraditória. Enquanto a autora aprende, com sua mãe, sobre as histórias de mulheres guerreiras por sua mãe, como ocorre no trecho a seguir, ela também é constantemente lembrada de sua inferioridade, por ter nascido mulher. Desta maneira, se contrastam dizeres como aqueles que a autora comenta abaixo:

[...] Eu me lembro que quando criança eu segui minha mãe pela casa, nós duas cantando sobre como Fa Mu Lan lutou gloriosamente e retornou viva da guerra para se estabelecer na vila. Eu havia esquecido esse canto que foi uma vez meu, dado a mim pela minha mãe, que talvez não soubesse seu poder de me lembrar. Ela disse que eu cresceria como esposa e escrava, mas ela me ensinou a música da mulher guerreira, Fa Mu Lan. Eu teria de crescer como uma mulher guerreira. (KINGSTON, 1989, p. 20, tradução nossa)³⁵

Ela também ouve dizeres como “É mais lucrativo criar gansos que filhas” (KINGSTON, 1989, p. 46, tradução nossa)³⁶. Com isso, Kingston se volta para sua outra identidade, que assume fora de casa, na escola com pessoas norte-americanas: “Eu tentei me tornar feminino-americana” (KINGSTON, 1989, p. 11, tradução nossa)³⁷. Como as

³⁵ [...] *I remembered that as a child I had followed my mother about the house, the two of us singing about how Fa Mu Lan fought gloriously and returned alive from war to settle in the village. I had forgotten this chant that was once mine, given me by my mother, who may not have known its power to remind. She said I would grow up a wife and a slave, but she taught me the song of the warrior woman, Fa Mu Lan. I would have to grow up a warrior woman.*

³⁶ *It is more profitable to raise geese than daughters.*

³⁷ *I have tried to turn myself American-feminine.*

tradições não lhe fornecem bons paralelos para lidar com suas dúvidas acerca de quem é e de como deve encarar a si mesma, ela se volta em suas narrativas muitas vezes para a identidade estadunidense, em uma busca não apenas de aceitação pelo outro, mas também por si mesma:

[...] Mas eu sou inútil, mais uma menina que não pôde ser vendida. Quando eu visito minha família agora, eu enrolo meu sucesso americano ao meu redor como um xale; eu *sou* digna de comer. De longe eu consigo acreditar que minha família me ama fundamentalmente. Eles apenas dizem, “Quando estiver pescando por tesouros nas enchentes, cuidado para não puxar meninas,” porque isso é o que se diz sobre filhas. Mas eu testemunhei estas palavras das próprias bocas de minha mãe e de meu pai; [...]. (KINGSTON, 1989, p. 52, tradução nossa).³⁸

Por outro lado, é quase impossível escapar das tradições chinesas em uma família de imigrantes. A mãe, aqui chamada de *Brave Orchid*, traz as histórias e as tradições consigo. Ela nunca abandona suas tradições, ao contrário do pai, que como veremos adiante, faz o possível para adotar os costumes da sociedade norte-americana. Ela conta para os filhos histórias sobre as mulheres guerreiras, seus dias na China e sobre os fantasmas, com tantos detalhes sobre o sobrenatural e sobre seu trabalho como médica que a autora comenta sobre sonhos e visões causadas por elas. Ao contar sobre os seus estudos, *Brave Orchid* fala sobre todos os seus méritos como estudante, sobre o silêncio para que os alunos, todos mais novos que ela, não pensem que era menos inteligente ou incapaz de aprender. Justamente por ser mais velha, segundo *Brave Orchid*, você deve ser ou pelo menos aparentar maior facilidade:

³⁸ [...] *But I am useless, one more girl who couldn't be sold. When I visit the family now, I wrap my American successes around me like a private shawl; I am worthy of eating the food. From afar I can believe my family loves me fundamentally. They only say, "When fishing for treasures in the flood, be careful not to pull in girls," because that is what one says about daughters. But I watched such words come out of my own mother's and father's mouths; [...]*

Ela suspeitou não ter o tipo de cérebro correto, meu pai sendo aquele que conseguia recitar poemas por inteiro. Para compensar isso, ela estudou secretamente. Ela também se deu vinte anos a mais que as moças mais jovens, embora ela tenha admitido apenas dez, o que já a forçava a se esforçar. Era esperado que pessoas mais velhas fossem mais inteligentes; elas estão mais próximas dos deuses. Ela não queria ouvir os alunos ou os professores dizendo, “Ela deve ser extremamente estúpida, não sendo melhor que ninguém mais quando é uma geração mais velha. Ela é tão burra, ela tem que estudar dia e noite.” (KINGSTON, 1989, p. 64, tradução nossa).³⁹

Logo depois, *Brave Orchid* conta como se livrou de um fantasma que assombrava os dormitórios de sua universidade. Neste trecho, pode-se quase ver onde ela se encontra e onde a sua batalha contra o fantasma acontece. Ela começa descrevendo o medo de suas colegas de quarto, e de como tenta convencê-las de que não há nada. Quando isso falha, *Brave Orchid* decide tomar controle da situação, e Kingston, nesse ponto, a descreve como um dragão, poderoso e destemido, que não se permite mostrar fraqueza diante do perigo: “Durante o perigo ela abanou suas garras de dragão e arrepiou suas escamas vermelhas e desdobrou suas listras verdes. Perigo era um ótimo momento para se exhibir”⁴⁰(KINGSTON, 1989, p. 67, tradução nossa). Nessa história, ela vence o fantasma utilizando-se de palavras e cantos ao permanecer sozinha no quarto assombrado, não deixando o medo fazê-la desistir. Ao narrar sua luta contra o fantasma para suas colegas de quarto, *Brave Orchid* traz uma história fantástica e termina com uma lição para as colegas, e, subsequentemente, para a filha: que pessoas boas e corajosas nunca perdem para os fantasmas. Kingston faz um paralelo de como a superstição reflete-se em sua vida na América. Para trazer alguém que entrou acidentalmente no mundo dos mortos, segundo *Brave Orchid*, deve-se chamá-lo para

³⁹ *She suspected she did not have the right kind of brains either, my father the one who can recite whole poems. To make up the lack, she did secret studying. She also gave herself twenty years' headstart over the young girls, although she admitted to only ten, which already forced her to push. Older people were expected to be smarter; they are closer to the gods. She did not want to overhear students or teachers say, "She must be exceedingly stupid, doing no better than anyone else when she is a generation older. She's so dumb, she has to study day and night."*

⁴⁰ *During danger she fanned out her dragon claws and ruffed her red sequin scales and unfolded her coiling green stripes. Danger was a good time for showing off.*

casa usando seu nome real de batismo e os nomes da vila e da província onde mora. Quando ela e seus irmãos estão bem, *Brave Orchid* conta o que fazer para chegarem até o vilarejo na China. “Eu devo retornar para uma China em que nunca estive”⁴¹ (KINGSTON, 1989, p. 76, tradução nossa). A China é a terra de origem de sua família, e *Brave Orchid* deseja o retorno, trazendo-a através de suas histórias, que não são mais características da cultura chinesa quanto de suas próprias vivências.

Não é apenas a Kingston que *Brave Orchid* confunde com suas histórias. Em *At the Western Palace*, Kingston narra como sua mãe tentou auxiliar sua tia, *Moon Orchid*, recém chegada aos Estados Unidos à procura de seu marido que ali se casara novamente. *Brave Orchid* quer que sua irmã retome seu casamento, como seria seu direito na China como primeira esposa uma vez que ela teria mais direitos sobre a casa. Mas ele veio até os Estados Unidos e se casou com outra mulher, formou outra família, e teria abandonado sua primeira esposa e filhos. Para convencê-la, uma vez que *Moon Orchid* é descrita como “o tipo encantador, inútil”⁴² (KINGSTON, 1989, p. 128, tradução nossa). *Brave Orchid* usa de histórias e costumes chineses que mostram não ter valor algum nos Estados Unidos. Ela descreve como *Moon Orchid* deve assumir a casa da nova esposa de seu marido, assim como seus filhos:

“Seu marido terá de ver você. Nós vamos fazê-lo reconhecê-la. Ha. Não será engraçado ver sua cara? Você irá para a casa dele. E quando sua segunda esposa atender a porta, você diz, ‘Eu quero falar com meu marido,’ e diz seu nome pessoal. ‘Diga a ele que eu estarei sentada no quarto comunal.’ Passe por ela como se ela fosse uma serva. [...] Ele está morando em Los Angeles com sua segunda esposa, e eles têm três crianças. Reivindique seus direitos. Aquelas são suas crianças. Ele tem dois filhos. Você tem dois filhos. Você os toma dela. Você torna-se a mãe deles.”(KINGSTON, 1989, p.131, tradução nossa).⁴³

⁴¹ *I am to return to China where I have never been.*

⁴² [...] *the lovely, useless type.*

⁴³ “*Your husband is going to have to see you. We’ll make him recognize you. Ha. Won’t it be fun to see his face? You’ll go to his house. And when his second wife answers the door, you say, ‘I want to speak to my husband,’ and you name his personal name. ‘Tell him I’ll be sitting in the family room.’ Walk past her as if she were a servant. [...] He’s living in Los Angeles with his second wife, and they have three children. Claim your rights. Those are your children. He’s got two sons. You have two sons. You take them away from her. You become their mother.*”

Porém, seus planos não dão certo e sua irmã termina seus dias em um asilo. Neste capítulo, as tradições usadas por *Brave Orchid* para educar acabam por trazer mais problemas que soluções, pois o que funciona na China não acontece nos Estados Unidos. Além disso, *Moon Orchid* não é como ela. Sua irmã se deixa levar pelas palavras de *Brave Orchid*, mas é incapaz de levantar a voz ou de exigir qualquer coisa de seu marido, e a história termina com ele apenas pedindo que ela não apareça mais, e que vá morar com sua filha e seu genro, transformando *Moon Orchid* em uma personagem trágica.

Segundo Paolo Rossi, em seu livro “O passado, a memória, o esquecimento: seis ensaios da história das ideias” (2010), a tradição faz parte da tentativa de manter a memória sobre o passado, e tem a ver também com a identidade (ROSSI, 2010, p. 22-24). Por meio da permanência da tradição, *Brave Orchid* tenta manter viva a memória de seu país de origem, mesmo que ele não seja o mesmo para seus filhos e filhas. Porém, nem sempre esse trabalho com a tradição dará certo. Wong (1999) aponta como Kingston mostra que as tradições, para ela, são confusas: ela não compreende como essas tradições são mantidas, não consegue entender quais feriados são chineses e quais não são chineses, e os costumes se confundem em sua mente (WONG, 1999, p. 44).

Muitos críticos do trabalho de Kingston também apontaram como suas traduções de nomes chineses para o inglês parecem ter sido feitas erradas de propósito, com o intuito de trazer o exótico para seus livros (WONG, 1999, p. 32). Porém, segundo Wong, como descendentes de chineses nos Estados Unidos, a personagem de Kingston não tem as mesmas experiências que uma família chinesa não imigrante. A autora também aponta que os erros de tradução podem muito bem ser uma representação da dificuldade de uma pessoa nascida nos Estados Unidos com uma língua como a chinesa, que difere muitas palavras através dos tons (WONG, 1999, p. 44). Sendo assim, as experiências de Kingston buscam não apenas fornecer um guia por sua cultura porque ela está presa nesse entre culturas, mas sim fornecer a perspectiva de indivíduos - dela e talvez de sua comunidade - que vivenciam

esse choque entre culturas e costumes, em uma narrativa mais introspectiva sobre sua busca por uma identidade ou identidades.

3.3 A identidade em *China Men*: o homem e a imigração

Em *China Men*, Kingston reconstrói, pela escrita, histórias que ouviu sobre a imigração, não apenas de sua família imediata, mas também de seus avós e tataravós. Assim como *The Woman Warrior*, *China Men* aborda a identidade e com isso, as questões de gênero. Aqui, a narrativa se volta para os homens imigrantes, os primeiros a chegarem à sua nova vida nos Estados Unidos. Kingston, no primeiro capítulo de *China Men*, *On Discovery*, traz uma história fictícia sobre um homem chinês que se encontra no país das mulheres quando em busca da montanha dourada. Ao final da história, o homem transforma-se em mulher, e a autora mostra a terra das mulheres localizada na América do Norte, obviamente referindo-se aos Estados Unidos.

Nesta história, Kingston problematiza algumas questões sobre a imigração. Segundo Cheung, em seu artigo *The Woman Warrior versus the Chinaman Pacific* (In WONG, 1999), citando escritores como J. P. Chan e Frank Chin, o homem chinês foi visto e colocado como afeminado pela cultura norte-americana, principalmente por ter se associado a lavanderias e restaurantes, tarefas vistas como femininas, no século XIX, quando não puderam mais trabalhar nas minas. Kingston traz essa questão da feminilidade à tona quando, em sua história o homem é transformado, de maneira bastante descritiva e detalhista, em uma mulher, com o processo sendo realizado por outras mulheres. Kingston constrói essa narrativa com vários comentários sobre a cultura chinesa em que ela esteve inserida, a qual via as mulheres como seres delicados e inferiores, como pode ser percebido no seguinte momento, quando o homem da história, Tang Ao, é capturado por não estar atento às mulheres: “As mulheres imediatamente o capturaram, não estando vigilante contra mulheres. Quando elas pediram a Tang Ao para vir com elas, ele as seguiu; se estivesse

acompanhado de outros homens, ele teria lançado uma piscada sobre o ombro⁷⁴⁴ (KINGSTON, *China Men*, 1989, p. 8, tradução nossa).

Entretanto, conforme descreve todas as etapas da transformação de Tang Ao em mulher, Kingston mostra como a delicadeza não é parte integral do processo, demonstrada por passagens que descrevem até mesmo as torturas contra o corpo de Tang Ao, como na descrição de como elas enfaixam seus pés, uma tradição feminina realizada na China em que consiste em enfaixar os pés para eles ficarem em uma determinada posição, considerada feminina e delicada. Para isso, o processo impedia a circulação de sangue e deformava os pés das mulheres, e ele é descrito em detalhes por Kingston:

Elas dobraram seus dedos do pé tão atrás que o arco dele rachou. As mulheres mais velhas comprimiram cada um de seus pés e quebraram vários ossos pequenos ao longo dos lados. Elas reuniram seus dedos, dedos sobre e sob uns aos outros como um nó de raiz de gengibre. Tang Ao chorou com a dor. (KINGSTON, 1989, p. 9, tradução nossa).⁴⁵

Essa emasculação foi uma das consequências da imigração, e apesar de apresentar as problemáticas de gênero sobre o feminino em *The Woman Warrior*, Kingston demonstra que também se preocupa com essa questão do gênero masculino, e de como estereótipos e má interpretações sobre a cultura de chineses e sino-americanos podem causar problemas. Em *The Father from China*, Kingston narra primeiro o nascimento de seu pai, na China, para depois tratar de sua chegada aos Estados Unidos e de como ele formou sua família em Los Angeles. Neste capítulo, Kingston deixa claro que, ao contrário de sua mãe, seu pai é estranhamente silencioso sobre sua vida na China, e de como tem apenas as histórias de sua mãe como fonte.

⁴⁴ *The women immediately captured him, not on guard against ladies. When they asked Tang Ao to come along, he followed; if he had had male companions, he would've winked over his shoulder*

⁴⁵ *They bent his toes so far backward that his arched foot cracked. The old ladies squeezed each foot and broke many tiny bones along the sides. They gathered his toes, toes over and under one another like a knot of ginger root. Tang Ao wept with pain.*

Você diz com poucas palavras e com silêncios: Sem histórias. Sem passado. Sem China.

Você só parece e fala como chinês. Não há fotografias suas em roupas chinesas nem contra paisagens chinesas. Você cortou sua trança para mostrar seu suporte à República? Ou você sempre foi estadunidense? É sua intenção nos dar uma chance de ser verdadeiros estadunidenses esquecendo o passado chinês? (KINGSTON, 1989, p. 17-18, tradução nossa).⁴⁶

Em *The Woman Warrior*, a mãe da autora tem um papel central nas narrativas que Kingston conta, uma vez que ela traz as histórias e tradições da China para a vida de Kingston, assim como, ao chegar aos Estados Unidos, ela imediatamente trouxe suas tradições consigo, pois os homens “[...] aprenderam que os feriados não surgem com as estações; o país não se torna festivo apenas porque há uma marca no calendário”⁴⁷ (KINGSTON, 1989, p. 95, tradução nossa). Foi dela quem Kingston herdou o que chama de *talk-story* e, no caso de seu pai, existe outra herança: vindo de uma família de camponeses, ele foi o único da família a ter acesso a formação acadêmica. Dele, Kingston herda outro talento, outra maneira de contar histórias: a escrita. Kingston deixa claro esse contraste entre seus pais quando afirma que ambas, ela e *Brave Orchid*, pensam como camponeses: “Eu sou como MaMa. Nós temos mente de camponeses. Nós vemos os tiques de um estranho e atribuímos motivos”⁴⁸ (KINGSTON, 1989, p. 18, tradução nossa). Nesse trecho, Kingston comenta sobre sua própria escrita, deixando claro suas ações durante sua narrativa, isto é, observar e ouvir o que dizem e então re-imaginar e reescrever o que ela acredita ter acontecido, como feito no início do capítulo ao questionar seu pai sobre o seu silêncio.

⁴⁶ *You say with the few words and the silences: No stories. No past. No China. You only look and talk Chinese. There are no photographs of you in Chinese clothes nor against Chinese landscapes. Did you cut your pigtail to show your support for the Republic? Or have you always been American? Do you mean to give us a chance at being real Americans by forgetting the Chinese past?*

⁴⁷ *[...] had learned that holidays do not appear with the seasons; the country does not turn festive just because a rubric day appears on the calendar.*

⁴⁸ *I take after MaMa. We have peasant minds. We see a stranger's tic and ascribe motives.*

Ao iniciar sua narrativa sobre o que acredita ter acontecido, Kingston relata algumas histórias sobre o nascimento de seu pai, o filho mais novo de uma família de camponeses na China. Sua vida é definida desde seu nascimento, por ter nascido com “mãos feitas para segurar canetas”⁴⁹, segundo os seus pais (KINGSTON, 1989, p. 20, tradução nossa), e por isso foi preparado desde a infância para estudar e fazer o Exame Imperial. O Exame Imperial foi um evento acadêmico realizado até o século XX, terminando em 1905, e consistia em uma série de provas realizadas para escolher trabalhadores em cargos governamentais. Ao mesmo tempo que tem toda a atenção de sua mãe, a qual possui sonhos grandes para o filho, ele é particularmente isolado dos outros membros da família. Depois de realizar o Exame Imperial, ele se torna professor das crianças de sua vila, e isso passou a ser, com o tempo, um trabalho com encargo negativo. Ele decide mudar de emprego, quando, em uma reunião familiar, ele escuta as histórias dos mais velhos sobre a Montanha Dourada, referência aos Estados Unidos.

Em sua maioria, as histórias sobre a América são positivas e exageradas, e causam espanto e admiração nos mais novos e nas mulheres que nunca viajaram. Nesse momento da narrativa, Kingston demonstra como a imigração era importante para essa família, cujos membros viajaram até os Estados Unidos por séculos. “Sangue dourado corria em suas veias. Como poderiam não ir até a Montanha Dourada novamente, que pertencia a eles, que eles tinham inventado e descoberto?”⁵⁰ (KINGSTON, 1989, p. 56, tradução nossa). Como dito antes, as famílias chinesas viajam até as Américas desde muito antes da corrida do ouro. Em *China Men*, pode-se perceber em vários momentos, este sendo um deles, como a viagem para a América já faz parte de sua cultura. Os homens viajavam em busca de dinheiro e retornavam com moedas, dólares, brinquedos e outros presentes para a família. Além dos objetos físicos, eles também traziam suas histórias, descrevendo sua vida na América como uma aventura fantástica, na qual tudo poderia acontecer, como na história

⁴⁹ *This kind of hand was made for holding pens.*

⁵⁰ *Gold blood ran in their veins. How could they not go to the Gold Mountain again, which belonged to them, which they had invented and discovered?*

sobre a chuva de peixes em Cuba, contada pelo tio mais velho de Kingston a seus irmãos mais novos:

Em Cuba, o céu chove peixes—peixes vivos, comestíveis. Peixes grandes assim caíram nos telhados e nas calçadas. Suas caudas e barbatanas se debatiam. Gordos peixes cinza, pequenos laranja e amarelos, todo o tipo de espécie de peixe. Eu peguei um peixe arco-íris em minha frigideira. Nós tivemos que retirá-los dos telhados com uma pá antes que o sol os apodrecesse. (KINGSTON, 1989, p. 54, tradução nossa).⁵¹

Nada pode abalar a imagem que os imigrantes têm da América, nem mesmo observações mais lógicas feitas pelo pai de Kingston, que tenta buscar uma explicação lógica ao fenômeno dos peixes. Quem conta histórias negativas também é repreendido e logo depois ignorado, como acontece com o avô de Kingston, ao falar sobre a solidão nos anos em que trabalhou nos Estados Unidos. Os imigrantes, nessas histórias, compartilham de uma visão quase totalmente positiva sobre suas viagens, embora nem sempre este seja o caso, como seu avô relata: “Avô também disse, ‘A Montanha Dourada é solitária. Você pode ficar doente e quase morrer, e ninguém vem visitá-lo. Quando você está bem, você sai de seu porão novamente, e ninguém sentiu sua falta’”⁵² (KINGSTON, 1989, p. 55, tradução nossa).

Depois desta exposição sobre a América, temos a narração de como o pai da autora viaja até os Estados Unidos. Utilizando-se da brecha familiar nas leis de exclusão, ele assume o nome de outra família que já morava nos Estados Unidos e que mantinha seus documentos. Porém, alguns parágrafos depois, Kingston coloca essa informação em xeque, revelando-a como apenas uma das possibilidades. Aqui apresentamos uma das

⁵¹ *In Cuba the sky rains fish—live, edible fish. Fish this big fell on the roofs and sidewalks. Their tails and fins were flipping. Thick gray fish, little orange and yellow ones, all different species of fish. I caught a rainbow fish in my frying pan. We had to shovel them off the roofs before the sun rotted them.*

⁵² *Grandfather also said, “The Gold Mountain is lonely. You could get sick and almost die, and nobody come to visit. When you’re well, you climb out of your basement again, and nobody has missed you.”*

questões-chave sobre as obras de Kingston: como narrar sobre a história cujos acontecimentos ela tem acesso apenas a partir de narrativas de terceiros?

Kingston faz uma combinação entre ficção e história em sua narrativa, combinando histórias e versões do que supostamente aconteceu no passado - ou seja, do fato de seu pai ser imigrante - e a reconta através de suposições, não decidindo o que é real ou inventado (SATO,1991, p. 198-199), pois sua preocupação não é essa. Em *China Men*, temos um exemplo desse processo narrativo quando a autora narra o método de imigração de seu pai. Em um primeiro momento, ela conta como foi o processo de imigração legal, porém logo depois ela descreve a parte da viagem que, segundo ela, ele não conta (KINGSTON, 1989, p. 63), como sendo ilegal, descrevendo em detalhes a viagem dentro de uma caixa, em um barco no percurso de Cuba para os Estados Unidos. Além de supor estes detalhes, Kingston narra essas histórias como se houvessem ocorrido com outros pais imigrantes.

Ao mesmo tempo, ela constrói imagens de solidão e ansiedade, utilizando-se de lendas e criaturas mitológicas:

Ele queria olhar para fora e ver se sua caixa havia caído ao mar e se estava flutuando sobre a água, uma transparência que poderia não ser capaz de suportar peso; ele poderia estar imerso e essa bolha de ar de madeira estaria a meia profundidade, ou caindo através das águas das baleias. Pessoas diziam que um Rei Dragão reinava sobre uma cidade abaixo d'água no Rio Amarelo; qual mar maior desconhecido—tartarugas de vinte pés de largura, peixes de boca aberta como os monstros marinhos que engoliram os sutras—nadavam junto ou abaixo dele. Quais enguias, tubarões, águas-vivas, arraiais deslizavam a distância de um barco dele? Ele ouviu os sons ríspidos de lagartos da água chamando pela noite de chuva. Ele não deve ter medo; foram tartarugas marinhas e lagartos de água que formaram a ponte para o Rei Mu de Chou. (KINGSTON, 1989, p. 65, tradução nossa).⁵³

⁵³ *He wanted to look out and see if his box had dropped overboard and was floating atop water, a transparency that ought not to be able to bear weight; he could have been immersed and this wooden air bubble hanging at a middle depth, or falling through the whale waters. People said that a Dragon King ruled an underwater city in the Yellow River; what larger oceanic unknown—tortoises twenty feet across, open-mouthed fish like the marine monster that swallowed the sutras—swam alongside or beneath him. What eels, sharks, jellies, rays glided a board's-width away? He heard the gruff voices of water lizards calling for the night rain. He must not be afraid; it was sea turtles and water lizards that had formed a bridge for King Mu of Chou.*

Kingston une realidade e ficção também quando lança mão de lendas da cultura chinesa. As lendas chinesas estão presentes em vários momentos nas narrativas de Kingston, demonstrando a influência da cultura chinesa trazida por sua mãe em sua educação, ao mesmo tempo em que trazem essa combinação do real e do ficcional. Enquanto *Brave Orchid* educa sua filha como uma mulher simples, com contos e lendas para ilustrar seus costumes e suas lições, o pai de Kingston fica calado sobre o passado na China, e não assume esses costumes quando chega aos Estados Unidos. Para seus filhos, ele não tem histórias a contar sobre a China (KINGSTON, 1989, p. 17) e é Kingston quem traz a ligação com as lendas. Ela também traz as histórias presentes na literatura clássica chinesa, e isso é importante, uma vez que o pai dela era considerado um acadêmico na China, trabalhando manualmente apenas nos Estados Unidos por não saber inglês. Mas, em *China Men*, ele é apresentado como uma figura silenciosa, tanto sobre seus costumes como sobre seus estudos na China. Na seguinte passagem, pode-se ver como ele e seus colegas imigrantes que abriram uma lavanderia juntos em Nova York assumem os costumes do país, e se sentem como norte-americanos:

No sábado Ed e Woodrow foram para a Quinta Avenida para comprar roupas. Com suas calças de trabalho, Ed usava sua melhor camisa, uma gravata de seda, meias de seda cinza, bons sapatos de couro com sapatos de ponta fina, e um chapéu de palha. Ele pagou duzentos dólares em dinheiro por um terno azul e cinza listrado, o terno mais caro que ele pôde encontrar. No espelho, ele parecia-se com Fred Astaire. Ele saiu da loja usando o terno. [...] Os dois andaram pela Quinta Avenida e admiraram seus reflexos em janelas e calotas. Eles pareciam americanos. (KINGSTON, 1989, p. 83-84, tradução nossa).⁵⁴

Quando discute o termo 2, sobre os imigrantes adotarem os costumes do país que os recebe, Harari (2017) apresenta dois problemas: a assimilação total dos imigrantes à cultura do novo país, que é exigida; e quando isso falha, a dificuldade do país anfitrião em aceitar o

⁵⁴ *On Saturday Ed and Woodrow went to Fifth Avenue to shop for clothes. With his work pants, Ed wore his best dress shirt, a silk tie, gray silk socks, good leather shoes with pointed toes, and a straw hat. He paid two hundred dollars cash for a blue and gray pinstripe suit, the most expensive suit he could find. In the three-way mirror, he looked like Fred Astaire. He wore the suit out of the store. [...] The two of them strolled Fifth Avenue and caught sight of themselves in windows and hubcaps. They looked all the same Americans.*

imigrante com sua bagagem cultural é grande. Uma das principais barreiras, segundo Harari, entre os imigrantes e o novo país é a língua, e podemos ver isso em *China Men*, quando Kingston descreve o momento em que seu pai é enganado na lavanderia, e é obrigado a pagar duas mulheres por ser acusado de estragar suas roupas:

A cigana espalhou seus trapos limpos e passados e correu para fora, mas retornou com uma irmã cigana—e um policial. As duas ciganas falaram muito [...]. O policial, cujo uniforme azul se expandiu e encheu a sala, metal e madeira chocando-se, permaneceu dizendo, “juizado de pequenas causas”. Deportação. Então você pagou, registrou a não venda na caixa registradora e pagou. Duas vezes.

“Eu sabia que ela tramava alguma coisa,” MaMa gritou. [...] “Ela e aquela outra que agiu como testemunha forjaram uma grande história em inglês para a polícia. E você não pôde falar inglês bem o suficiente para contrariá-la.” [...] (KINGSTON, 1989, p.16, tradução nossa).⁵⁵

A polícia - representando aqui a autoridade norte-americana - pelas palavras de Kingston, parece tomar conta da lavanderia, mesmo estando representada apenas por um policial. Ela intimida o pai, que não pode fazer nada em resposta quando ameaçado, talvez não pelo policial verbalmente, visto que a palavra “deportação” não aparece diretamente na fala dele, mas sim pela ideia de deportação caso a questão vá para as mãos de um juiz. Sem recursos financeiros ou mesmo linguísticos para se defender, o pai cede e termina por tomar o prejuízo monetário. Dessa maneira, por não ter se adaptado totalmente à cultura norte-americana e por não conseguir se comunicar propriamente com o inglês, o pai de Kingston não tem acesso aos mesmos direitos de defesa dos que dominam a língua e conseguem se defender ao utilizá-la.

⁵⁵ *The gypsy strewed her clean, pressed rags and rushed out, but she returned with a sister gypsy-and a cop. The two gypsies talked hard [...]. The policeman, whose navy blue bulk expanded to fill the room, metal and wood clunking, kept saying, “Small claims court.” Deportation. So you paid, rang up the No Sale on the cash register and paid. Twice.*

“I knew she was up to something,” MaMa shouted.[...] “She and that other one who acted as witness concocted a big story in English for the police. And you couldn’t speak english well enough to counteract it. [...]”

A questão linguística tem várias reflexões em *China Men*. O pai adota um nome norte-americano, assim como os outros homens, mostrando mais uma vez o paralelo entre ele e *Brave Orchid*, que manteve o nome chinês. Em alguns momentos, não conhecer a língua leva ao prejuízo, como no trecho acima, e também não permite os imigrantes conseguirem crescer nos Estados Unidos. Ed, nome americano do pai de Kingston, tinha uma parceria com companheiros da China, mas é cortado dela, por papéis que o colocam como um simples empregado e não parceiro nos negócios. Kingston ressaltava o fato de os documentos estarem em inglês. Isso os faz ir até a Califórnia, mas antes de abrirem a lavanderia, a família trabalha para uma casa de apostas. Conforme a narrativa se estende, pode-se perceber como os donos se aproveitam do pouco conhecimento e das poucas oportunidades da família, que demora alguns anos para se ver finalmente independente. Anteriormente, foi apresentada a questão da linguagem utilizada em *The Woman Warrior* para se referir ao estrangeiro, e como ela parece ser mais suave que a utilizada em *China Men*, livro em que Kingston traduz o termo “*kuei*” para “*demon*” (KINGSTON, 1989). Kingston coloca bastante atenção na língua, pois, para seus pais, é o principal fator das dificuldades que enfrentam ao assumir sua nova vida nos Estados Unidos, e para ela, que teve uma educação bilíngue, pode causar confusão.

3.4 O pertencimento e a identidade sob a perspectiva dos imigrantes

Uma das temáticas em *China Men* está voltada ao pertencimento (BAUMAN, 2005). Kingston traz em algumas de suas histórias sobre os imigrantes de sua família e sobre sua nacionalidade como a última foi, muitas vezes, forjada por documentos, tais como certidões de nascimento. Isso é mostrado principalmente nos capítulos em que a autora apresenta seus tataravós, também imigrantes. O capítulo *The Great-Grandfather from The Saldalwood Moutains* traz a história de Bak Goong, tataravô paterno, contratado pela Sociedade Agrícola do Havá para trabalhar nas plantações de cana-de-açúcar. A necessidade por dinheiro terminava por atrair inúmeros homens, velhos e jovens, para o

trabalho nos Estados Unidos, e eram convencidos por um agente que falava da mesma forma que os moradores, com provas de que o trabalho recompensaria, prometendo pagar a hospedagem, comida e passagem, e ainda oferecendo dinheiro antecipado, algo comum no século XIX. Alguns desses imigrantes pagavam por documentos que comprovavam sua cidadania americana, e com isso conseguiam permanecer no país. Quando as Leis de Exclusão Chinesa passaram a entrar em vigor, embora não houvesse mais a necessidade de mão de obra, os chineses continuaram migrando se utilizando das brechas nas leis e se utilizando dos documentos que seus antecessores tinham pago. Essa era uma de suas defesas caso fossem ameaçados de deportação, e a via de entrada para outros imigrantes da mesma família. Logo, assumir uma identidade americana não era apenas uma questão cultural, mas também de sobrevivência. Essa questão histórica está representada quando Kingston narra a viagem de seu pai, Ed, até os Estados Unidos.

BaBa and Sahn Bak, o terceiro tio, novatos, deixaram claro que estavam interessados em comprar papéis e que desejavam ser adotados por sojourners da Montanha Dourada que fossem cidadãos legais dos Estados Unidos da América. Esses americanos haviam declarado o nascimento de um novo filho para cada ano em que estiveram visitando a China e deste modo criaram “vagas” para vários “filhos no papel.” Quando um sojourner se aposentava de ir-pela-estrada-afora ou falecia, ele criava outra vaga. Alguém tomava seu lugar. O último proprietário dos papéis ensinava seu comprador os detalhes sobre a casa, a fazenda, a vizinhança, a família que era nominalmente sua.⁵⁶(KINGSTON, 1989, p. 60, tradução nossa).

A questão do pertencimento permeia as obras de Kingston, uma vez que, por meio dessas histórias, é possível perceber a busca da própria autora por esse pertencimento, ou seja, uma busca por identidade, ao relacionar suas experiências como norte-americana e como filha de imigrantes. Porém, Kingston não é a única a buscar esse pertencimento. A

⁵⁶ *BaBa and Sahn Bak, Third Uncle, beginners, let it out that they were interested in purchasing papers and that they were willing to be adopted by Gold Mountain Sojourners who were legal citizens of the United States of America. These Americans had declared the birth of a new son for every year they had been visiting in China and thereby made “slots” for many “paper sons.” When a Sojourner retired from going-out-on-the-road or died, he made another slot. Somebody took his place. The last owner of papers taught their buyer the details about the house, the farm, the neighborhood, the family that were nominally his now.*

autora mostra que outros parentes, imigrantes, têm inúmeras incertezas sobre sua identidade, e aparentam enfrentar conflitos internos sobre o tema. No capítulo *The Making Of More Americans*, Kingston traz narrativas de outros imigrantes, os quais, de maneira similar aos pais dela, deixaram a China e os parentes para trás. Um deles, chamado por ela de “*Mad Sao*” (KINGSTON, 1989, p. 220), arrepende-se de não ter enviado dinheiro em tempo para a mãe na China e é atormentado por seu fantasma e suas reclamações de fome. A mãe dele reclama, através das cartas, de sua nova vida, de suas filhas e esposa, e de como ele deve demonstrar seu amor filial, e quando morre, seu fantasma faz o mesmo:

E se ela não o incomodava para retornar, ela estava pedindo por dinheiro. Quando ele enviou fotografias de sua família com o carro de fundo, ela o repreendeu: “O que você está fazendo dando de comer a essas meninas e não a sua mãe? O que é esse carro, e esse rádio? Uma casa nova. Por que você está construindo uma casa nova na América? Você tem uma casa aqui. Venda tudo. Venda as meninas, e envie por correio os lucros para sua Mãe. Use o dinheiro para pagar a viagem. [...]”⁵⁷ (KINGSTON, 1989, p. 221, tradução nossa). “Você me transformou em um fantasma faminto,” ela disse. “Você fez isso comigo. Você se divertiu. Você alimentou sua esposa e suas filhas inúteis, que nem mesmo são família⁵⁸, e me deixou morrer de fome. O que você vê agora é a fome excessiva pela qual eu passei em minha vida.”⁵⁹ (KINGSTON, 1989, p. 227, tradução nossa).

Ele retorna para a China com a intenção de pagar respeitos à mãe já falecida para se livrar de seu espírito, que o atormenta. Ele realiza a viagem, gastando todas as suas economias. O espírito dela descansa e ele retorna aos Estados Unidos, como se nada houvesse acontecido. O conflito com antepassados chineses e com a família nos Estados

⁵⁷ *And if she wasn't nagging him to return, she was asking for money. When he sent photographs of the family with the car in the background, she scolded him: "What are you doing feeding these girls and not your mother? What is this car, and this radio? A new house. Why are you building a new house in America? You have a house here. Sell everything. Sell the girls, and mail the profits to Mother. Use the money for ship fare.*

⁵⁸ Na tradição chinesa, quando o homem se casa, ele mantém-se sob a sua família de nascimento, mas quando a mulher se casa, mesmo indo morar com a família de seu marido, ela não é considerada da família propriamente dita, porque nasceu sob outra família. Filhas também não seriam consideradas como família propriamente dita nos moldes tradicionais porque, apesar de levarem o sobrenome do pai, não o passam adiante para seus filhos; apenas homens passam seu sobrenome para os filhos.

⁵⁹ *"You have turned me into a hungry ghost," she said. "You did this to me. You enjoyed yourself. You fed your wife and useless daughters, who are not even family, and you left me to starve. What you see before you is the inordinate hunger I had to suffer in my life."*

Unidos se torna culpa, e se manifesta na forma da assombração. Segundo Bauman (2005), a busca por identidade causa, muitas vezes, ansiedade difícil de ser superada, pois o indivíduo não se encontra em um espaço bem definido, já que existe a falta de segurança sobre a sua identidade.

Mas o exemplo mais óbvio da busca pelo pertencimento pelos homens imigrantes em *China Men* é o de um dos parentes da autora, Kau Goon, *Great Uncle* (KINGSTON, 1989, p. 232), não querer voltar para a China mesmo com os apelos de sua esposa. Quando questionado uma última vez sobre o assunto, deixa claro que vê a Califórnia como sua casa: “‘Eu decidi ficar na Califórnia.’ Disse ele, ‘Califórnia. Esta é minha casa. Meu lugar é aqui.’ Ele se virou e, olhando para nós, rugiu, ‘Nosso lugar é aqui.’”(KINGSTON, 1989, p. 239, tradução nossa).⁶⁰ Essa frase “nosso lugar é aqui” pode ser vista como a continuação da frase dita no início do livro, quando a família discute sobre as viagens até os EUA: “Sangue dourado corria em suas veias. Como poderiam não ir até a Montanha Dourada novamente, *que pertencia a eles*, que eles inventaram e descobriram?”⁶¹ (KINGSTON, 1989, p 56, tradução e grifo nossos). Seus parentes já consideravam os Estados Unidos como sua casa, e ao contar esta experiência, Kingston se identifica com eles, pois ela não se identifica com as direções de sua mãe caso um dia ela “retorne” para a China. Ela não pode retornar, uma vez que nunca esteve lá antes de escrever seus livros. E mesmo que tivesse nascido ali, com o histórico de sua família, talvez não levasse muito tempo para que ela migrasse também, assim como seus pais e seus avós e tataravós.

Em *Great Grandfather of the Sandalwood Mountains*, temos a narrativa sobre os dois bisavós de Kingston que retornaram para a China. Aqui, nenhum dos dois, mesmo Bak Sook Goong, casado com uma mulher havaiana, consideram-se cidadãos norte-americanos. Atormentados pelo trabalho pesado nas plantações de cana de açúcar, confessam a vontade de retornar para casa: “‘Eu quero minha casa,’ os homens gritaram juntos. ‘Eu quero minha

⁶⁰ *I've decided to stay in California.’ He said, ‘California. This is my home. I belong here.’ He turned and, looking at us, roared, ‘We belong here.’*

⁶¹ *Gold blood ran in their veins. How could they not go to the Gold Mountain again, which belonged to them, which they had invented and discovered?*

casa”⁶² (KINGSTON, 1989, p. 154-155, tradução nossa). Aqui também há uma busca por pertencimento, porém de outra maneira: apesar de acreditarem que as terras pertenciam a eles, o seu retorno para a terra natal, na narrativa de Kingston, representa como eles ainda pensavam pertencer à terra natal e não aos Estados Unidos, ao contrário de seus avós.

As narrativas de Kingston em *China Men* exploram o conflito entre o ficar no novo país e o retorno ao país de origem que a maioria dos imigrantes vive ao se encontrar em uma cultura diferente, e isso os faz se sentirem isolados. A história de Mad Sao, de Kau Goong e do pai de Kingston, homens que migraram para conseguir dinheiro e acabaram por não retornar, formando até mesmo famílias, demonstram como esse conflito pode ser interno (a culpa de Sao por não ter retornado ou enviado dinheiro suficiente para sua mãe a tempo, negando suas raízes) e externo (o avô de Kingston sendo chamado por sua esposa, que permaneceu na China, enquanto tem família nos Estados Unidos também). Entretanto, apesar dos esforços das leis contra imigração nos Estados Unidos, algumas mulheres também conseguiram ultrapassar as barreiras, como *Brave Orchid*, na esperança de rever seus esposos e tentar trazê-los de volta. Quando essa opção fica cada vez mais distante, conforme as famílias crescem e mais pessoas migram para os Estados Unidos, as tradições chinesas ficam cada vez mais distantes e fazem cada vez menos sentido. Quando Kau Goong morre, alguns anos depois de se recusar a retornar para a China, a mãe de Kingston tenta manter algumas das tradições dos funerais chinesas na cerimônia, acendendo incensos ou pedindo para as crianças jogarem dinheiro de papel pela janela do carro. Esses costumes, no entanto, são diferentes dos originais. O incenso é aceso dentro de baldes com areia, e não em seus lugares próprios, como é realizado na China. Ao descrever o restante da cerimônia, a autora demonstra sua confusão:

Minha mãe deu a volta para as janelas de trás—nós éramos como as crianças que andavam em sedans—e nos deu tiras de papel branco do tamanho das notas de dólar. “Joguem esse dinheiro pelas janelas,” ela disse, mas sem cerimônia; Eu pensei que seria melhor repartir o “dinheiro”, espalhá-lo em intervalos pelo caminho, não apenas jogá-lo. “Use-o,” foi tudo que ela disse. Nós não teríamos que guardar nem um pouco dele. Luxo. Nós dividimos o papel de maneira igual

⁶² *I want my home, ' the men yelled together. 'I want home.*

entre nós. “Espere o carro começar a se mover para que vôle,” nos nos instruímos.[...] Por falta de uma explicação vinda dos adultos, nós crianças inventamos o que estava acontecendo. “É para que ele o gaste no céu,” nós dissemos. (KINGSTON, 1989, p. 242, tradução nossa).⁶³

Apesar de *Brave Orchid* tentar manter as tradições, ela não explica exatamente o que estão fazendo ou porque, o que é consistente com a reclamação de Kingston em *The Woman Warrior*, quando se pergunta como deveria aprender as tradições e diferenciar o que é chinês e o que é estadunidense quando sua família não explica o porquê dessas tradições. Mesmo com essa dificuldade, Kingston narra as histórias dos seus pais e avós como se houvesse morado na mesma vila que eles na China ao escrever frases como “[...] no nosso distrito e falava como a gente.”⁶⁴ (KINGSTON, 1989, p. 118, tradução nossa).

O sentimento de comunidade para com o país de origem de seus avós existe mesmo quando ele é desconhecido, e Kingston várias vezes afirma-se como pertencente à comunidade ao mesmo tempo em que se pergunta se é mesmo parte das tradições e da cultura. Essa relação vacilante com sua ascendência leva Kingston a escrever os livros e buscar uma resposta para sua identidade. Entretanto, talvez não exista uma resposta. Bauman (2005) afirma que “as identidades flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta [...]” (BAUMAN, 2005, p. 20), e que

Pode-se reclamar de todos esses desconfortos e, em desespero, buscar a redenção, ou pelo menos o descanso, num sonho de pertencimento. Mas também se pode fazer desse fato de não ter escolha uma vocação, uma missão, um destino conscientemente escolhido — ainda mais pelos benefícios que tal decisão pode trazer para os que a tomam a levam a cabo, e pelos prováveis benefícios que estes podem então oferecer a outras pessoas. (BAUMAN, 2005, p. 20)

⁶³ *My mother walked around to the windows in back—we were like the children who ride in station wagons—and gave us strips of white paper the size of dollar bills. “Throw this money out the window,” she said, but she was unceremonious; I thought it would be better to dole the “money” out, scatter it in intervals along the way, not just dump it. “Use it up,” was all she said. We would not have to save any of it. Luxury. We divided the paper evenly amongst us. “Wait until the car starts so that it’ll fly,” we instructed one another. [...] For lack of adult explanations, we children made up what was happening. “It’s for him to spend in heaven,” we said.*

⁶⁴ [...]in our district and spoke like us.

No último capítulo de *China Men*, intitulado *The Brother in Vietnam*, Kingston narra a história de um dos irmãos que foi convocado para a guerra do Vietnã. Neste trecho, além de vários comentários acerca da guerra, Kingston revela que o irmão tem a oportunidade de visitar Hong Kong, onde tenta encontrar seus parentes e tem toda a ansiedade em visitar, finalmente, o país de que tanto ouviu falar nas histórias de *Brave Orchid*. Kingston narra quando ele se aproxima da fronteira com a República Popular da China e o momento anticlimático no qual seu irmão não vê como esse lugar pode ser diferente de seu próprio país de origem, os Estados Unidos, da forma como ele esperava:

Ele tomou um trem de turismo, que incluía uma viagem até a fronteira dos Novos Territórios. Ele viu um vale e colinas distantes cobertas com vegetação selvagem. “Ali está a República Popular da China”, disse o guia. Se ele não tivesse dito isso, o irmão não saberia a diferença. Havia um guarda solitário aqui e ali, e também homens da polícia local em uniformes britânicos. O irmão não viu nenhuma travessia construída pelo homem, trilhas, pontes, ou cercas, ou qualquer coisa para impedir ou facilitar uma travessia. Nenhuma parede vermelha, nenhuma cortina. Ele andou pelo viaduto acima das linhas de trem para ter uma visão melhor da China Vermelha. Assim como Hong Kong tinha um cais comunista dentre outros cais, lojas comunistas dentre outras lojas, ele não viu nenhuma distinção vermelha. (KINGSTON, 1989, p. 390, tradução nossa).⁶⁵

A China descrita pelos seus pais e parentes não coincide com a China que ele consegue ver com seus próprios olhos. O endereço informado de seus parentes em Hong Kong não coincide com as ruas e os lugares da cidade, e ele não consegue encontrá-los. Depois de anos ouvindo histórias e mais histórias, o irmão não sabe diferenciar o que é real ou não sobre o país de seus pais. Em *China Men*, o país de origem dos imigrantes afeta várias gerações, com pais, avós e mesmo outros ancestrais que viajaram, seja permanentemente, seja apenas a trabalho. Ao final desta seção, ele passa pelo processo burocrático para conseguir a identidade norte-americana, aceita pelo governo. O documento

⁶⁵ *He took a train tour, which included a trip to the border of the New Territories. He saw a valley and distant hills covered with wild vegetation. "There is the People's Republic of China," said the guide. If he had not said that, the brother would not have known. A solitary guard stood here and there, also local policemen in British uniforms. The brother saw no man-made crossings, tracks, bridges, or fences, or anything to hinder or facilitate a crossing. No red wall, no curtain. He walked on the overpass above the railroad tracks for a better look at Red China. Just as Hong Kong had a Communist wharf among other wharves, Communist shops among other shops, he saw no Red distinction.*

apenas reafirma, de maneira legal, o que os avós e outros parentes que permaneceram no país já afirmavam, que eles fazem parte dos Estados Unidos, podendo assumir essa identidade tanto no país como no estrangeiro, e a relação com a China, apesar de real e com grande impacto na cultura e na educação da família de Kingston, tem pouco ou quase nada em comum com estes filhos de imigrantes. Porém, seus efeitos ainda existem, e segundo Harari (2006), a discussão sobre os efeitos da imigração em lugares como a Europa ainda não se concluiu, e podemos dizer o mesmo para a imigração para os Estados Unidos.

Embora, segundo Harari (2006) não exista conclusão para os efeitos da imigração, nas narrativas de Kingston podemos perceber como os imigrantes chineses, que possuem essa experiência dupla, são afetados pelas mesmas questões, e como a identidade é questionada pela autor ao se utilizar das experiências de seus parentes para tentar encontrar paralelos com suas próprias vivências. Ao reconstruir a narrativa sobre a história da imigração do seu ponto de vista como filha de imigrantes, Kingston explora as diversas identidades presentes para descobrir uma para si própria. Segundo Hall (2006) e Bauman (2005), a identidade é algo que está sempre em construção, e por conta disso, ao final de seus livros, Kingston não obtém resposta definitiva sobre sua identidade.

4. INTERSECÇÕES ENTRE GÊNERO E IDENTIDADE EM *THE WOMAN WARRIOR* E *CHINA MEN*

4.1 As lendas e os personagens históricos em suas reconstruções por Kingston

Nos dois romances, existem em comum vários aspectos sobre como Kingston constrói suas narrativas e como explora o tema identidade. Segundo Cheung, em seu artigo “*The Woman Warrior and The China Men Pacific*”(CHEUNG, In WONG, 1999), ambos os livros de Kingston foram concebidos como apenas um livro. No entanto, como havia

conflitos entre a identificação da autora com os homens asiáticos e seu lado feminista, a divisão do livro foi realizada a partir da questão de gênero (CHEUNG, In WONG, 1999, p. 126). No mesmo texto, Cheung comenta sobre o peso dos estereótipos sobre homens e mulheres chineses na sociedade sino-americana, e como o racismo causou a emasculação da população masculina e uma visão muito mais sexualizada da feminina, enquanto a tradição chinesa tende a valorizar filhos homens mais do que a filhas (CHEUNG, In WONG, 1999, p. 114-115). Com isso, houve um crescimento entre autores chineses e sino-americanos que tentam minar esses estereótipos de maneiras muitas vezes voltadas para a proteção e exaltação do patriarcado e da violência contra o sexo feminino. Pode-se compreender, dessa maneira, porque as duas forças opostas - o masculino e o feminino - são tão presentes em *The Woman Warrior* e *China Men*. Quando Kingston questiona sua identidade, ela entra em contato com questões culturais e costumes que ensinam que mulheres são apenas “esposas ou escravas”⁶⁶ (KINGSTON, *The Woman Warrior*, 1989, p. 19, tradução nossa), com expressões que fazem parte da língua e da cultura como “Não há proveito em criar meninas. Melhor criar gansos que meninas.”⁶⁷ (KINGSTON, 1989, p. 46, tradução nossa). Esses dizeres vêm de sua família, e até mesmo seu pai, por mais que tenha hábitos norte-americanos, repete insultos que rebaixam o feminino porque se sente frustrado pela sua emasculação:

Você reclamou dos bolinhos de massa feitos para o feriado. “Mulheres enrolam a massa para retirar a sujeira entre seus dedos. Sujeira vinda das unhas das mulheres.” Ainda assim você os comeu. MaMa disse, entretanto, que só ultimamente você começou a comer massas e doces. “Comer massas é comer a sujeira das unhas das mulheres e de entre seus dedos.” Como se mulheres tivessem teias. (KINGSTON, *China Men*, 1989, p. 17, tradução nossa).⁶⁸

⁶⁶ *Wives or slaves*, no original.

⁶⁷ *There's no profit in raising girls. Better to raise geese than girls*

⁶⁸ *You complained about holiday dumplings: “Women roll dough to knead out the dirt from between their fingers. Women's fingernail dirt.” Yet you did eat them. MaMa said, though, that you only lately began eating pastries. “Eating pastries is eating dirt from women's fingernails and from between their fingers.” As if women had webs.*

Kingston escreve suas narrativas tomando o que Cheung designa liberdade poética (CHEUNG, In WONG, 1999, p. 119), e isso seria sua modificação das histórias de maneira imaginativa em uma autobiografia. Ela não se submete à tradição de sua cultura, mas se liberta dela ao transformar sua personagem em uma heroína que não segue o padrão de mostrar os homens chineses como heróis e protagonistas de suas histórias, como seria defendido entre os críticos chineses (CHEUNG, In WONG, 1999, p. 119).

Segundo Cheung, a história de Tang Ao no início de *China Men* pode muito bem ser uma tentativa da autora em fazer os homens sino-americanos compreenderem os séculos de submissão feminina em sua cultura, que abomina o feminino e exalta o masculino. Quando ele sofre a transformação - sendo sofrer o termo mais abrangente nesta versão de Kingston - ela não faz apenas comentários sobre a emasculação ocorrida na América do Norte. Embora a autora simpatize com a situação dos homens na América, ela também aponta por meio de sua história o que as mulheres, na tradição e cultura chinesas, passaram durante séculos. O uso de histórias clássicas em sua narrativa traz essas reflexões sobre gênero e cultura, que em seu caso, são intrínsecos. Na história baseada na lenda de Fa Mulan, em *The Woman Warrior*, acontece o mesmo. Já foi comentado como nessa história, Kingston revela como ela e a mulher guerreira são parecidas no uso das palavras, pois a heroína não é apenas uma guerreira, mas também carrega em suas costas a palavra “vingança”, que Kingston traduz como “reportar um crime”⁶⁹ (KINGSTON, *The Woman Warrior*, p. 53, tradução nossa), e Cheung acrescenta como, ao final do livro, Kingston traz a história de Ts'ai Yen, uma poeta que usa as palavras assim como Kingston.

As lendas e outros textos literários são utilizados a todo momento por Kingston em seus livros para trazer diferentes reflexões, tanto sobre o masculino, como sobre o feminino, em busca por conexões com a identidade chinesa, ao mesmo tempo em que os modifica para ficarem mais próximos de sua realidade. Em *China Men*, além da história de Tang Ao, retirada segundo Cheung (1999) de um livro chinês chamado “*Flowers in the Mirror*”, Kingston traz outras lendas, tanto chinesas como trazidas de outras culturas. Nesta

⁶⁹ report a crime.

história de fantasia, escrita por Li Ruzhen, são combinados fatos reais ao fantástico, como por exemplo o fato de a história se passar durante o reinado da imperatriz chinesa Wu Zetian, uma figura histórica bastante controversa, ao mesmo tempo em que possui personagens fantásticos e imortais. “*Flowers in the Mirror*” foca no personagem Tang Ao e suas aventuras pelo mundo, e em uma delas, ele chega até o país das mulheres. Na obra original, a temática de “*Flowers in the Mirror*” é voltada para os diferentes papéis desempenhados pela mulher na sociedade. Kingston se utiliza da história famosa de Tang Ao e a modifica para expressar suas ideias sobre a imigração, a emasculação e a opressão do gênero feminino.

Em *The Woman Warrior*, no entanto, a maioria das lendas surgem a partir de *Brave Orchid*, enquanto em *China Men* há várias lendas e histórias presentes na literatura chinesa ao longo da narrativa que trazem reflexões sobre identidade, dentre outros. Eles são trazidos separados da narrativa em geral, tendo suas próprias subseções. Nessas lendas, Kingston subverte várias vezes o herói, como fez com Tang Ao. Em *On Immortality* e *On Immortality Again*, a autora traz lendas sobre duas personagens que perdem a chance de trazer a imortalidade para o mundo devido à entidade feminina. No primeiro caso, o personagem Tu deve passar por várias vidas ilusórias pelas quais passa para que um monge possa conseguir a receita da imortalidade, porém sem falar. Ele passa por diversas dificuldades, mas falha ao soltar um único grito quando, em sua última vida, ele nasce como uma mulher que assiste seu filho ser assassinado.

A lição da história é que como homem, ele passou com sucesso por todos os tipos de tragédias, mas não o amor. Em seguida, Kingston traz a lenda do herói polinésio Maui, e de como ele não pôde conseguir a imortalidade quando tenta roubá-la da deusa Hina. Em ambos, a figura da mulher surge como a resposta para a imortalidade e também como a recusa em se obtê-la, e esses mitos se relacionam com as histórias que Kingston trouxe antes em *China Men* - sobre seus bisavós, os quais retornaram para a China e continuaram suas vidas - e também com a história de seu avô, quando este viu a morte de perto várias vezes ao trabalhar nas minas e na construção das ferrovias. Os bisavós retornam para a

China, não apenas para suas famílias, mas com novas esposas, e o avô também retorna comandado por sua esposa. A mulher, nas narrativas de Kingston, assim como nestas histórias sobre a imortalidade, têm a palavra final, o que é uma forma de empoderamento.

4.2 Os fantasmas e sua relação com sino-americanos

Em *The Woman Warrior*, Kingston utiliza a palavra *ghost* (fantasma) de duas maneiras: para se referir a fantasmas das histórias de sua mãe e também para se referir às pessoas que não pertencem à comunidade chinesa. Na segunda conotação, segundo Dasenbrock (1999), o livro faz diversas referências a esses fantasmas. Eles são os entregadores, os coletores de lixo, outros imigrantes etc. Entretanto, o fantasma também é usado para se referir a um evento na seção *Shaman*, em que *Brave Orchid* enfrenta um fantasma no sentido literal da palavra. Em seu primeiro livro, “fantasma” é uma palavra recorrente, e muitos autores, assim como Dasenbrock, tentam diferenciar o verdadeiro significado de seu uso. Porém, Sato, em seu artigo, “*Ghost as Chinese-American Constructs in Maxine Hong Kingston’s The Woman Warrior*” (SATO, 1991, p. 193-214) demonstra como o termo é utilizado por Kingston.

A primeira conexão de Kingston com a palavra *ghosts* surge em *No Name Woman*. Segundo Sato (1991), Kingston traz sua tia sem nome de volta à vida simbolicamente se utilizando da imagem do poço. Um poço de água é um lugar de vida, pois é por ele que a família consegue água, e sua tia comete suicídio ao se afogar nessa água. Kingston traz a sua figura de volta utilizando as palavras, dizendo que agora ela “dedica páginas de papel para ela”⁷⁰ (KINGSTON, *The Woman Warrior*, p. 16, tradução nossa), e com isso relaciona o poço de água potável com o tinteiro⁷¹, ou seja, com a tinta que usa no papel para escrever a história de *No Name Woman* (SATO, 1991). Segundo Sato, Kingston transforma sua tia sem nome em uma “*paper daughter*”, ou seja, uma imigrante, reclamando para ela um

⁷⁰ *I alone devote pages of paper to her [...]*

⁷¹ *Drinking well e inkwell*, no original. Sato, neste caso, comenta como Kingston realiza um jogo de palavras entre essas duas, uma vez que são parecidas.

lugar nos Estados Unidos que transcende tempo e espaço. A imigração era permitida apenas aos homens, e não às mulheres. Ela não apenas traz a memória de sua tia pelas palavras, mas também traz sua memória até os Estados Unidos.

De maneira similar, *Brave Orchid* narra suas histórias de fantasmas para o novo país com o intuito de marcar sua presença no mundo. Kingston a descreve logo no início como uma mulher prática e sã:

Ela não adiciona mais nada a menos que seja alimentada pela Necessidade, uma margem que guia sua vida. Ela prefere plantar jardins de vegetais à jardins gramados; ela traz dos campos para casa os tomates de formato estranho e come a comida deixada para os deuses. (KINGSTON, 1989, p. 6)⁷²;
Minha mãe não era louca por ver fantasmas nem era aquela que mulheres implicavam com por ‘ansiar’ por homens. Ela era uma exorcista competente; ela não ‘ansiava’ (“mong” em cantonês). A louca da vila era outra pessoa, uma mulher imprópria que as pessoas apedrejaram. (KINGSTON, 1989, p. 92).⁷³

Mas, ao mesmo tempo, quando necessário, *Brave Orchid* persegue fantasmas para mostrar poder (SATO, 1991, p. 204). Os fantasmas em suas histórias são uma maneira de expressar sua própria identidade. Em *Shaman*, quando enfrenta um fantasma na faculdade de medicina, o canto que ela afirma trazer de volta sua consciência é um canto fortalecedor de sua identidade com referências a seu país e sua província: “Venha para casa, *Brave Orchid*, que lutou contra os fantasmas e venceu. Retorne para a escola To Keung, cidade de Kwangtung, na província de Kwangtung. Suas colegas de classe estão aqui esperando por você, sábia *Brave Orchid*”⁷⁴ (KINGSTON, 1989, p. 71, tradução nossa). Ao enfrentar o fantasma, *Brave Orchid* expressa seu poder para seus colegas de classe, e ao contar a história a seus filhos e filhas traz parte da sua identidade chinesa para os Estados Unidos.

⁷² *She will add nothing unless powered by Necessity, a riverbank that guides her life. She plants vegetable gardens rather than lawns; she carries the odd-shaped tomatoes home from the fields and eats food left for the gods.*

⁷³ *My mother was not crazy for seeing ghosts nor was she one of those the women teased for ‘longing’ after men. She was a capable exorcist; she did not “long” (“mong” in Cantonese). The village crazy lady was somebody else, an inappropriate woman whom the people stoned.*

⁷⁴ *Come home, come home, Brave Orchid, who has fought the ghosts and won. Return to To Keung School, Kwangtung City, Kwangtung Province. Your classmates are here waiting for you, scholarly Brave Orchid.*

Segundo Sato (1991), as figuras dos fantasmas em *The Woman Warrior* estão presentes na forma de modelos para Kingston: a tia em *No Name Woman*, a personagem feminina de *White Tigers*, Ts'ai Yen na seção *A Song for a Barbarian Reed Pipe*. Em todos esses casos, há uma separação entre as personagens e a família, entre o individual e a comunidade. A tia sem nome tem uma existência fantasma antes mesmo de morrer, uma vez que é cortada das relações familiares por sua transgressão, sendo esquecida. A personagem de *White Tigers*, uma combinação de Mulan com outras personagens e situações, sofre do mesmo ao ser separada de sua família para treinar nas montanhas. Ts'ai Yen vive entre fantasmas quando é raptada e vive com o povo bárbaro, cuja língua ela não conhece. Em todos esses casos, no entanto, segundo Sato (1991), as figuras dos fantasmas são construídas para representar duas relações: “A maioria das narrativas de ‘*The Woman Warrior*’, então, são construídas para concretizar duas relações com o mundo fantasma - adentrando-o para desenvolver imaginação e individualidade e deixando-o para confirmar as identidades familiares e comunitárias”⁷⁵ (SATO, 1991, p. 206, tradução nossa). Isso significa que, em *The Woman Warrior*, as figuras dos fantasmas representam, ao mesmo tempo, o imaginário e o concreto.

Fantasmas também estão presentes em *China Men*, embora sejam menos metafóricos e pareçam mais reais, à medida que Kingston transforma mitos em realidade em suas narrativas. Em *The Ghost Mate*, Kingston narra a história de um homem que se perde de seu caminho para casa e passa dias na casa de uma criatura sobrenatural, sem saber de fato o que está acontecendo até se lembrar que deve voltar para casa para cuidar de sua família, e finalmente consegue escapar da ilusão. Em *The Making of More Americans*, Kingston narra o trecho sobre a aparição do fantasma de um de seus avôs, Say Goong, e este aparece apenas para seu irmão, Sahn Goong. Ele desaparece quando Sahn Goong o manda de volta para casa, para a China. Nessa mesma seção, narra a história de Mad Sao, que tinha visões de sua mãe depois de morta e só deixa de vê-la quando retorna para a China e lhe deixa oferendas de comida e dinheiro sobre o túmulo, voltando tranquilo para

⁷⁵ *The major narratives of 'WomanWarrior', then, are constructed to enact two relationships to the ghost world - entering it to develop imagination and individuality and leaving it to confirm familial and communal identity.*

os Estados Unidos depois disso. Em todas essas histórias, os fantasmas desaparecem depois das pessoas com quem interagem confirmarem suas identidades, retornando para a casa porque são forçados pelas memórias que possuem dos familiares. Em *China Men*, a confirmação da identidade, associada à família e ao lugar de origem, faz os personagens retornarem para a realidade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente estudo, vimos como a imigração chinesa, em sua maior parte masculina, influenciou percepções acerca de gênero e raça, auxiliando em divulgações de estereótipos sobre imigrantes chineses. Tanto homens como mulheres foram negativamente afetados por essas questões e isso gerou, no século XX, a escrita de várias obras com o intuito de retomar, para os imigrantes e seus descendentes, uma visão mais positiva de sua história e cultura. A busca por uma identidade chinesa em meio à cultura norte-americana é muito forte nesses livros. Entretanto, na narrativa de Kingston, pode-se perceber um caminho diferente dessas outras obras. A escrita da autora é mais voltada para si, reflexiva, para que possa se explicar a si mesma e não para os outros. Apesar de a lenda sobre a mulher guerreira em *White Tigers* não terem muitos paralelos com sua vida, Kingston ainda assim encontra esses paralelos, utilizando as palavras como forma de trazer justiça à sua cultura e às suas experiências.

Dentre suas histórias, Kingston deixa claro como a diferença entre gêneros a influenciou em suas experiências. A valorização do masculino e a inferiorização do feminino estão bem marcadas em suas obras pela narrativa de suas experiências como mulher, principalmente por estar em uma comunidade bastante masculina até o século XX graças à proibição de imigração de mulheres. A emasculação dos imigrantes chineses também é representada por Kingston em uma maneira de mostrar como a dicotomia entre os sexos prejudica ambos, e como o feminino é muitas vezes visto como inferior, ao mesmo tempo em que acusa os séculos de inferiorização do feminino por parte de sua cultura. A

sua tentativa de negar essa visão injusta sobre a mulher faz Kingston não aceitar se portar como seus pais desejam. Em suas palavras, em *The Woman Warrior*, Kingston se recusa a cozinhar ou a ter as qualidades de uma boa esposa, e reforça suas conquistas e seus méritos acadêmicos na escola regular, e não na chinesa, como maneira de se afirmar como estadunidense.

Ao descrever as personagens femininas em *The Woman Warrior*, Kingston não está preocupada em se afirmar como chinesa, ou em trazer à tona a cultura e as tradições com que teve contato quando criança para oferecer um *tour* das práticas do país de origem de seus pais. Ela traz a história de Fa Mulan, de *Brave Orchid*, de Ts'ai Yen e da tia sem nome para refletir sobre sua confusão em discernir o que é chinês e o que não é para colocar em xeque essa separação entre norte-americano e chinês, aceitando o hibridismo da cultura sino-americana, que abrange ambos. Em *China Men*, Kingston realiza o mesmo ao trazer não apenas as histórias relacionadas aos homens, mas também ao misturar lendas e contos com os seus saberes a respeito da imigração chinesa. Segundo Sato (1991), seria um erro colocar que Kingston tenta escolher entre duas identidades. Ela reflete sobre o fato de ser sino-americana, e a reafirma ao final de *The Woman Warrior* quando entra em acordo com suas experiências de infância, que ela mesma descreve como estar entre fantasmas, pois ela nasceu nos Estados Unidos e é considerada estrangeira por sua família, assim como outros filhos de imigrantes.

Segundo Hutcheon (1991), obras consideradas pós-modernas são vistas como contraditórias, uma vez que buscam o passado e ao mesmo tempo o transformam (HUTCHEON, 1991, p. 20). Ao narrar suas experiências como sino-americana, Kingston não traz apenas as histórias de sua infância, mas também as histórias de seus avós e tataravós em uma combinação de história e ficção para trazer esse passado, refletindo sobre a imigração e sua importância para os Estados Unidos e também para os chineses participantes do processo, enquanto também reflete sobre sua experiência como filha desses imigrantes, e portanto, *sino-americana*. Segundo Bauman (2005) e Hall (2006), a identidade no pós-modernismo não pode ser simplesmente afirmada, especialmente com

todas as mudanças no mundo pós-moderno. O mesmo pode-se dizer dessa nova identidade explorada por Kingston. Ser sino-americano engloba um montante de experiências que podem tanto referir-se a uma parcela da população ou ser específicas a cada indivíduo, e a autora faz questão de trazer suas experiências de maneira individual, como Ling (In WONG, 1999) definiu, ao explorar as formas pelas quais Kingston desenvolve sua narrativa autobiográfica.

Ao longo deste trabalho, foram debatidas questões a respeito do pós-modernismo e da identidade pós-moderna em duas narrativas de Maxine Hong Kingston. Embora o tema tenha sido examinado ao longo do trabalho, existem ainda muitos tópicos pertinentes, sobretudo ao estudo de gênero e a intertextualidade com outras obras. No entanto, esperamos ter analisado de maneira abrangente o tema da identidade relacionada ao deslocamento desencadeado pela imigração de chineses aos Estados Unidos.

Além disso, também chamamos a atenção para um crescimento constante da influência de obras asiáticas na mídia atual. Animações e histórias em quadrinhos japonesas sempre estiveram presentes no consumo de entretenimento ocidental desde a metade do século XX, principalmente nos anos 90, e hoje em dia estão tão em alta quanto as produções ocidentais provindas dos Estados Unidos. A Coreia do Sul seguiu esse crescimento com suas produções para a televisão e para a música, e a China, nos últimos anos, se abriu mais para o mercado ocidental com a disponibilização de traduções oficiais de suas séries televisivas, filmes e até mesmo animações e livros, e podemos supor que sua influência na mídia pode apenas crescer. Já existem diversas obras produzidas no ocidente com temática oriental, sobretudo sobre a China, como o filme *Mulan*, de 1998, e sua adaptação em *live action* em 2020, ambos produzidos pela Disney, que contam versões diferentes da história de Fa Mulan; A Lenda de Aang, entre outras obras que hoje trazem aspectos culturais tanto da China como de outros países asiáticos.

Não queremos afirmar que estas obras ocidentais podem ser verdadeiramente representativas das culturas orientais, pois a produção é feita nos Estados Unidos ou em outros lugares da América, e muitas vezes apenas com consultas a pessoas chinesas, mas

elas mostram como existe um crescimento no interesse do público pelas histórias chinesas, e que esse interesse crescerá ainda mais, uma vez que agora, obras chinesas estão muito mais presentes no mercado. Empresas do entretenimento ocidental estão cada vez mais comprando, exibindo e até mesmo financiando séries televisivas vindas da Ásia, os chamados “doramas” (dramas, na pronúncia japonesa). Embora esse mercado tenha se expandido principalmente com séries coreanas, séries tailandesas e chinesas estão ganhando cada vez mais espaço nesse nicho, principalmente com histórias fantásticas, como por exemplo, o gênero *wuxia*⁷⁶, que diz respeito a obras que misturam fantasia e artes marciais.

Este tema se relaciona com a hibridização cultural, e pode fornecer uma visão mais ampla sobre como a cultura do país é rica em diversidade e em diferentes produções literárias. Assim, essa pesquisa contribui para que demais estudos sobre Maxine Hong Kingston, e outros autores como ela, sejam realizados no Brasil.

⁷⁶ Segundo Ferreira (2011), *Wuxia* é um termo que, de maneira bem resumida, se refere a um gênero popular em filmes chineses surgido no século XX, embora tenha suas raízes em termos muito mais antigos e também na literatura chinesa.

REFERÊNCIAS

ABRAMS, D. **Maxine Hong Kingston**. Asian Americans of achievement. New York: Chelsea House Publications, 2009.

BAUMAN, Z. **Identidade**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BOYD, M. **Oriental Immigration**: The Experience of the Chinese, Japanese, and Filipino populations in the United States. New York: Sage Publications, Vol. 5, No. 1, Spring, 1971), p. 48-61. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/3002046>. Acesso em: 29 de abril de 2019

BOSI, A. **História literária em três tempos**. Entre a literatura e a história. São Paulo: Editora 34, 2013, p. 221-235.

CONGRESS OF RACIAL EQUALITY, Encyclopaedia Britannica. Disponível em <https://www.britannica.com/topic/Congress-of-Racial-Equality> Acesso em 8 de fevereiro de 2022.

BURKE, P. **Hibridismo cultural**. São Leopoldo: Editora Unisinos. 3ª edição. 2010.

BYERS, T. **THE REVENANT**. Rev. Let., São Paulo, v.51, n.2, , jul./dez. 2011, p.9-27

CHEUNG, K. **The Woman Warrior versus The Chinaman Pacific: Must a Chinese American Critic Choose between Feminism and Heroism?** in: *Maxine's Hong Kingston The Woman Warrior: a casebook*. Editado por Sau-Ling Cynthia Wong. Oxford University Press Inc, New York. 1999. p. 113-134.

CHEW, K.; LEACH, M.; LIU, J. M. **The Revolving Door to Gold Mountain: How Chinese Immigrants Got Around U.S. Exclusion and Replenished the Chinese American Labor Pool, 1900-1910.** New York: Sage Publications, 2009, p. 410–430. Disponível em: www.jstor.org/stable/20681711 Acesso em: 29 de abril de 2019.

DASENBROCK, R. W. **Intelligibility and Meaningfulness in Multicultural Literature in English (Excerpts).** In: *Maxine's Hong Kingston The Woman Warrior: a casebook.* Editado por Sau-Ling Cynthia Wong. Oxford University Press Inc, New York. 1999, p. 159-180.

EAGLETON, T. **Depois da teoria: Um olhar sobre os Estudos Culturais e o pós-modernismo.** Trad. Maria Lucia Oliveira. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2005.

EPOCH TIMES. **Hua Mulan, a lendária e corajosa guerreira.** Publicado em 22 de fevereiro de 2013. Disponível em: <https://www.epochtimes.com.br/hua-mulan-a-lendaria-e-corajosa-guerreira/> Acessado em 20 de janeiro de 2022.

FERREIRA, L. L. **A representação audiovisual do gênero *wuxia* no cinema: uma análise do filme *Herói* (2002), de Zhang Yimou.** Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Porto Alegre, 2011. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/37572/000820152.pdf;sequence=1> Acessado em 07 de fevereiro de 2022.

HALL, S. **A identidade cultural na pós modernidade.** Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HANNIS, G. **A Comparative Analysis of Nineteenth-Century Californian and New Zealand Newspaper Representations of Chinese Gold Miners.** The Journal of American-East Asian Relations, 2011, Vol. 18, No. 3/4 p. 248-283. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/23613153?seq=1#metadata_info_tab_contents. Acesso em: 14 de junho de 2020

HARARI, Y. **Capítulo 9: Imigração - algumas culturas talvez sejam melhores que outras.** 21 lições para o século 21. New York: Harper Collins, 2017.

HUTCHEON, L. **Poética do Pós-modernismo.** Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago. 1991.

KANAZAWA, M. **Immigration, Exclusion, and Taxation: Anti-Chinese Legislation in Gold Rush California.** The Journal of Economic History, 2005, p. 779-805. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/3875017?seq=1#metadata_info_tab_contents. Acesso em: 19 de dezembro de 2020.

KARNAL, L.; MORAIS, M. V.; FERNANDES, L. E.; PURDY, S. **História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI.** São Paulo: Ed. Contexto, 3º ed, 2011, Edição do Kindle.

KINGSTON, M. H. **China Men.** New York: Vintage International, 1989. Edição Kindle.

KINGSTON, M. H. **The Woman Warrior: Memoirs of a Girlhood Among Ghosts.** New York: Vintage International, 1989.

LEE, H. **Genre-Crossing: Kingston's The Woman Warrior and its Discursive Community.** Parole Gelees 14, no. 2 1996 p. 87-102.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet**. 2.ed. Jovita Maria Gerheim Noronha (Org.). Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha, Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

LING, A. **Chinese American Women Writers: The Tradition behind Maxine Hong Kingston**. In: *Maxine's Hong Kingston The Woman Warrior: a casebook*. Editado por Sau-Ling Cynthia Wong. Oxford University Press Inc, New York. 1999, p. 135-158.

NAACP, History. 29 de outubro de 2009. Disponível em <https://www.history.com/topics/civil-rights-movement/naACP> Acesso em 8 de fevereiro de 2022.

ROSSI, P. **O passado, a memória, o esquecimento: 6 ensaios da história das ideias**. Trad. Nilson Moulin. São Paulo, Editora Unesp, 2010.

SATO, G. K. F. **Ghosts as Chinese-American Constructs in Maxine Hong Kingston's The Woman Warrior**. *Haunting the House of Fiction: Feminist Perspectives on Ghost Stories by American Women*. Org. Lynette Carpenter and Wendy K. Kolmar. Knoxville: University of Tennessee Press, 1991. p. 193-214.

SILVA, T. T. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 2012

SMITH, S. **Filiality and Woman's Autobiographical Storytelling**. In: *In Maxine's Hong Kingston The Woman Warrior: a casebook*. Oxford University Press Inc, New York. 1999, p. 57-84.

VECOLI, C. J. **Codes in Conflict: Maxine Hong Kingston's The Woman Warrior:**

Memoirs of a Girlhood Among Ghosts. Champaign Chinese Magazine, v3, 2013.

Disponível em:

https://www.academia.edu/15026056/Codes_in_Conflict_The_Ethnography_of_Communication_and_Maxine_Hong_Kingstons_The_Woman_Warrior_. Acesso em: 14 de junho de 2020.

WELLBORN, M. **The events leading to the Chinese exclusion acts.** Annual Publication of the Historical Society of Southern California, 1912-1913, Vol. 9, No. 1/2 p. 49-58.

Disponível em: https://www.jstor.org/stable/41168895?seq=1#metadata_info_tab_contents. Acesso em: 16 de junho de 2020.

WONG, S. C. **Maxine's Hong Kingston The Woman Warrior: a casebook.** Oxford University Press Inc, New York. 1999.

WONG, S. C. **Autobiography as Guided Chinatown Tour? Maxine Hong Kingston's *The Woman Warrior* and the Chinese American Autobiography Controversy.** In Maxine's Hong Kingston The Woman Warrior: a casebook. Oxford University Press Inc, New York. 1999, p. 29-56.

ZESCH, S. **Chinese Los Angeles in 1870-1871: The Makings of a Massacre.** University of California Press on behalf of the Historical Society of Southern California. Southern California Quarterly, Vol. 90, No. 2, Summer 2008, p. 109-158. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/41172418>. Acesso em: 19 de dezembro de 2020.